

# Revista Adventista

ABRIL 2017



## O Perdão

SETE REALIZAÇÕES DO SACRIFÍCIO DE CRISTO

Ano 78 - Nº 839 - €1,90



1 646188 617044

**12** **SOLA SCRIPTURA**  
Os Reformadores e Ellen G. White.

**26** **O TESTEMUNHO DE JESUS**  
O que é?

**34** **"NÃO FOI UM FEITO NOSSO"**  
A origem de um movimento profético.

# CONVOCATÓRIA

**D**e acordo com o ponto 2 do artigo 12º dos Estatutos da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, é convocada a Assembleia-Geral Ordinária desta União, para os dias 26 a 28 de abril de 2017, nas instalações da igreja de Lisboa-Central, sita na Rua Joaquim Bonifácio, 17, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- Aceitação dos Delegados propostos pelo Conselho Diretor
- Receção dos Delegados das Igrejas Organizadas durante o quinquénio
- Aceitação da Dissolução, União e passagem de Igrejas a Grupos
- Ratificação da composição da Mesa da Assembleia-Geral de Comunidades
- Análise e votação da proposta do Regulamento de Funcionamento da Assembleia-Geral de Comunidades
- Análise e votação da proposta de utilização do Voto Eletrónico para as eleições dos Oficiais e dos Diretores dos Departamentos da UPASD
- Análise e votação da Proposta de Revisão dos Estatutos da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia
- Análise e votação da Comissão Preparatória
- Análise e votação do Relatório da Comissão Preparatória
- Apresentação e votação dos Relatórios do Presidente, do Secretário e do Tesoureiro
- Apresentação e votação dos Relatórios dos Departamentos e Instituições
- Relatório das Comissões
- Votação do Conselho Diretor, Administração, Direção de Departamentos e Serviços
- Apresentação do Relatório da Comissão de Credenciais e Autorizações
- Outros Assuntos ❖



**Pr. António Rodrigues**  
presidente da UPASD

## "EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

### DIRETOR

António Rodrigues

### Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

### Coordenador Editorial

Paulo Lima

E-mail: revista.adventista@pservir.pt

### Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

### Projeto Gráfico

Sara Calado

### Diagramação

Marta Rodrigues Pereira

### PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

### Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo Tel.: 21.962 62 00 Fax: 21.962 62 01

Controlo de Assinantes Paulo Santos

E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel.: 21.962 62 19

### Impressão e Acabamento MDI – Design e Impressão

V. N. Famalicão

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a  
ISSN 1646-1886

Ilustrações da revista © Adobe Stock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



PÁSCOA

# 06

## O perdão

Ao suportar o castigo pela totalidade do pecado humano, Cristo demonstrou que Deus concede, com justiça, misericórdia a todos os seres humanos.



EVANGELISMO

# 21

## As mensagens dos três anjos e as religiões mundiais

As mensagens dos três anjos resumem bem a amorosa mensagem final de Deus dirigida a todas as pessoas de todas as religiões.



BÍBLIA

# 26

## O testemunho de Jesus

Muitos comentários ao longo dos séculos têm-se debatido com a expressão joanina “o testemunho de Jesus”. O que significa ela?

## 04 O PRINCÍPIO SOLA SCRIPTURA

EDITORIAL

## 05 CALENDÁRIO / BANCO DE LEITURA

## 18 NOTÍCIAS NACIONAIS

## 11 FILHOS DE HITLER › REFLEXÃO

O que fazemos quando o nosso pai revela ser um vil e infame criminoso de guerra?

## 12 SOLA SCRIPTURA › ARTIGO DE FUNDO

Ellen G. White aplicou consistentemente o princípio basilar do Protestantismo: *Sola Scriptura*.

## 31 VER A SUA FACE › DEVOCIONAL

No rosto de Mike eu vi a face de Jesus.

## 34 “NÃO FOI UM FEITO NOSSO” › HERANÇA ADVENTISTA

O lançamento do movimento profético Adventista em 1844 não resultou de qualquer previsão ou estratagemas humanos.





# O princípio *sola Scriptura*

“**A**cima de tudo, lembrai-vos de que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação, pois a profecia nunca foi produzida por vontade dos homens, mas os homens santos da parte de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo” (II Pedro 1:20 e 21).

O artigo de fundo desta Revista tem por título “Sola Scriptura – Os Reformadores e Ellen G. White”. É interessante que, em latim, a frase *sola Scriptura* significa “somente a Escritura”, ou seja, realça a importância da Bíblia como única regra de fé e de prática dos que professam o Cristianismo.

A Bíblia, sendo alvo de muita curiosidade, é sujeita, por vezes, na sua interpretação, a grandes desvios. Mas ela é o manual por excelência que Deus deixou ao mundo para revelar a Sua vontade. A vida cristã deve ser testada por aquilo que está revelado, porque essa revelação é a pura verdade, agradável a Deus.

No Seu tempo, Jesus condenou os Fariseus e os Escribas, porque invalidavam a Palavra de Deus por causa das suas tradições. “Em vão, porém, me honram, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens. Porque, deixando

o mandamento de Deus, retendes a tradição dos homens; como o lavar dos jarros e dos copos; e fazeis muitas outras coisas semelhantes a estas. E dizia-lhes: Bem invalidais o mandamento de Deus para guardardes a vossa tradição (Marcos 7:7-9).

A tendência dos seres humanos continua a ser a mesma hoje: substituir as verdades bíblicas por conveniência pessoal ou de grupo, dando maior relevância às tradições, às especulações e às filosofias. Jesus debateu-Se para que se fizesse do que está escrito a única regra de fé. Por diversas vezes, lutou contra as tradições e desmontou as falsidades doutrinárias. Até no confronto direto com Satanás, Jesus declarou: “Está escrito” (Lucas 4:10).

A Bíblia deve ser interpretada por si mesma, como disse o profeta: “Porque é mandamento sobre mandamento, mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, regra sobre regra, um pouco aqui, um pouco ali” (Isaías 28:10). Durante quase toda a história do Cristianismo as tradições e as fábulas foram apresentadas como verdades infalíveis. A Reforma, com o seu princípio *sola Scriptura* e com a promoção da tradução das Escrituras nas línguas nacionais, foi fulcral para

a restauração de muitas verdades bíblicas fundamentais. O surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, trazendo consigo os escritos do Espírito de Profecia, veio culminar este esforço de recuperação da verdade revelada, apresentando ao povo de Deus a pura doutrina bíblica. “Sem profecia o povo se corrompe” (Provérbios 29:18). Jesus deu uma ordem ao povo do Advento que a Reforma não tinha conseguido concretizar: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura” (Marcos 16:15). A Igreja Adventista do Sétimo Dia deve ensinar as verdades bíblicas ao mundo para a salvação de todos os seres humanos. Por isso, a primeira crença fundamental da nossa Igreja refere-se à Bíblia como a revelação infalível de Deus e o único padrão pelo qual tudo deve ser provado.

Termino, citando aquilo que o apóstolo Pedro escreveu: “E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia amanheça, e a estrela da alva apareça em vossos corações” (II Pedro 1:19). ✦

**Pr. António Rodrigues**  
presidente da UPASD

## CALENDÁRIO UPASD



### DIAS ESPECIAIS

#### Abril

01	Dia de Jejum e Oração/Dia das Visitas da Escola Sabatina
08	Distribuição Nacional do Livro Missionário
13-16	Acampamentos regionais
15-21	Semana da Literatura de Evangelização
22	Dia das Pessoas com Necessidades Especiais
26-29	XIXª Assembleia Administrativa da UPASD

#### Maio

06-27	Mês para a Consciencialização das Dependências
20	Dia da Saúde
21-28	Campanha da ADRA
27	Dia Mundial de Oração para as Crianças em Risco

## COMUNIDADE DE ORAÇÃO



#### Abril

03-07	Conselho de Primavera da Conferência Geral
10-14	União Espanhola (SPU)
17-21	União da Alemanha do Norte (NGU) e União da Alemanha do Sul (SGU)
24-28	União Portuguesa (PU)

#### Maio

01-05	Associação da Moldávia (RU)
08-12	Associação Belga-Luxemburguesa (FBU)
15-19	Reunião Anual da Divisão Inter-Europeia (EUD)
22-26	Associação do Norte de França (FBU)
29-02/06	Associação Baden-Wuerttemberg (SGU)

## PRESENÇA NOS MEDIA



ANTENA 1 RTP2

### FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

24/04	Segunda-feira
26/04	Quarta-feira
15/05	Segunda-feira

### CAMINHOS

RTP2, às 10h30 // ANTENA 1, a partir das 06h

14/05	Domingo
-------	---------

Estes horários de emissão podem ser alterados pela RTP2 sem aviso prévio.



## BANCO DE LEITURA

# Adventismo

George Knight

Qualquer Adventista do Sétimo Dia razoavelmente informado sabe que a nossa Igreja foi fundada na sequência do Grande Desapontamento vivido pelo movimento Adventista fundado por William Miller. Mas, quem foi William Miller? Como fundou ele um movimento tão abrangente e influente? Como estava organizado o movimento millerita? Como foi vivida a expectativa do regresso de Jesus, marcado para 1844? O livro de George Knight que lhe quero apresentar, caro Leitor, responde a todas estas questões. Knight começa por apresentar a origem, a organização e os principais líderes do movimento millerita. Em seguida, ele discute os eventos históricos que marcaram "o ano do fim" proclamado pelos milleritas. Finalmente, ele encerra o seu livro abordando o processo de superação do Grande Desapontamento que deu lugar ao nascimento de várias Denominações com raízes no millerismo, entre as quais se destaca a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Se queremos compreender as raízes históricas da nossa Igreja, precisamos de ler este livro. Ele descreve claramente todo o processo histórico que está na base da fundação da nossa Igreja. Mais do que isso. No último capítulo do seu livro, George Knight discute as razões históricas que explicam por que a Igreja Adventista do Sétimo Dia, embora tivesse começado por ser a mais pequena das Denominações com raízes no millerismo, se tornou na Denominação Adventista mais bem-sucedida e mais espalhada pelo mundo. Na verdade, este último capítulo vale, por si só, o preço do livro. Ele tem muita matéria para reflexão. Ele acaba com um chamado de atenção à nossa Igreja para a necessidade de continuar a ser um movimento animado pela convicção de que tem uma missão diretamente atribuída por Deus. Knight faz notar, com acerto, que nossa Igreja correrá um sério risco, se perder tal convicção. Na verdade, caro Leitor, este livro de George Knight – um dos mais destacados historiadores e teólogos Adventistas contemporâneos – deveria ser lido por todo o Adventista convicto, pois ele reforça a nossa fé no caráter providencial que caracterizou a origem da Igreja Adventista do Sétimo Dia. E isso é algo que nunca devemos esquecer! ✎



Paulo Lima

Editor da Revista Adventista

PÁSCOA

Roy E. Gane

# O Perdão

Sete realizações  
do sacrifício  
de Cristo

**A**o suportar o castigo por todo o pecado humano, Cristo demonstrou que Deus concede, com justiça, misericórdia a todos os seres humanos.

Sabemos por experiência própria que o perdão é um processo que envolve duas partes e dois estágios. Primeiro, ele deve ser oferecido pela parte prejudicada como um ato de misericórdia. Este estágio completa o processo de perdão pela parte prejudicada e torna-o disponível para a parte que cometeu a ofensa. Segundo, a parte que cometeu a ofensa deve aceitar o perdão. A aceitação do perdão envolve o reconhecimento de que a ofensa cometida foi injusta, a confiança na boa vontade do perdoador, a restauração da boa vontade para com aquela parte e o compromisso de se abster de realizar novas ofensas no futuro. Completando-se este estágio, a parte ofensora pode desfrutar dos benefícios do perdão.

Numa circunstância em que se encontra envolvida toda uma comunidade, o processo do perdão complica-se, porque outras partes podem perguntar: Com que fundamento é justo para a parte prejudicada oferecer o perdão a um ofensor, mas não a outro? Será que a misericórdia demonstrada prejudicará a comunidade, ao permitir ou, mesmo, encorajar mais ofensas no futuro? Este caso é especialmente sério quando o ofensor não apenas

injustiçou uma outra parte, mas violou uma regra ou uma lei que foi estabelecida para proteger a comunidade, determinando limites de conduta e penalizações idênticas para a violação desses limites. Responder adequadamente a estas questões, de modo a que um ofensor perdoado possa ser aceite pela comunidade, requer que o perdão seja misericordiosamente concedido de tal modo que a justiça seja preservada. O ofensor não só precisa de ser perdoado; esta parte também necessita de ser justificada.

A questão da oferta de perdão é ainda mais complicada quando se trata de uma situação em que a parte ofensora é um grupo de pessoas. O que acontece, se alguns indivíduos dentro do grupo aceitam o perdão que lhes é oferecido, mas outros não? Para se alcançar uma paz duradoura entre a parte ofendida e o grupo, aqueles que não aceitam o perdão devem ser identificados e removidos do grupo. Por exemplo, quando um grupo rebelde ou uma nação ofensora são derrotados na guerra, os termos do tratado de paz podem incluir uma amnistia coletiva. Mas, para que os indivíduos usufruam dos benefícios da amnistia,

eles devem aceitá-la e depor as suas armas. Caso contrário, a ameaça que eles representam deve ser eliminada.

Todo o cenário aqui descrito aplica-se aos esforços de Deus para salvar os seres humanos no contexto do Grande Conflito. Mas a magnitude do problema e o que nele está envolvido são muito maiores do que em qualquer outra situação que envolva a necessidade de perdão. Todos os seres humanos que habitam o planeta Terra têm estado em rebelião contra Deus. Todos pecaram contra Ele e contra a Sua eterna lei de amor, que governa e salvaguarda o Universo (Rom. 3:23; cf. Mat. 22:37-40). A pena aplicável como resultado desse pecado é a morte eterna (Rom. 6:23), porque seres inteligentes dotados de livre arbítrio, cujas vidas não são controladas pelo amor, são destrutores, seguindo Satanás no desafio à soberania de um Deus benevolente, o Único que dá e sustenta a vida. Para tornar as coisas ainda piores, os seres humanos caídos são incapazes de guardar adequadamente a Lei de Deus, mesmo que o queiram fazer (Rom. 7).

Porque o eterno caráter moral de Deus é amor (I João 4:8), e porque o amor inclui tanto a justiça como a misericórdia, Ele deve preservar toda a justiça quando perdoa. Fazer de outro modo violaria a Sua natureza, que sustenta toda a vida, e poria em risco a segurança do Universo. É a morte de Cristo, O Qual é, Ele mesmo, Deus (Col. 1:19; 2:9), que torna possível a Deus justificar com toda a justiça os pecadores. Enquanto Deus, Cristo é o Criador (João 1:3; Heb.

DO MESMO MODO QUE ABRAÃO PODIA REPRESENTAR QUALQUER UM DOS SEUS DESCENDENTES, **CRISTO REPRESENTOU TODOS OS SERES HUMANOS**, DE MODO A SUPORTAR, COMO NOSSO SUBSTITUTO, O CASTIGO PELO NOSSO PECADO.



1:2), e, portanto, pode representar todos os habitantes do planeta Terra. Enquanto originador da vida humana, Ele é, em última instância, o nosso Pai (Isa. 9:6; comparar com Luc. 3:38). Do mesmo modo que Abraão podia representar qualquer um dos seus descendentes (Heb. 7:9 e 10), Cristo representou todos os seres humanos, de modo a suportar, como nosso Substituto, o castigo pelo nosso pecado, para que nós pudéssemos escapar à morte e desfrutar da vida eterna (João 3:16; II Cor. 5:14, 21). Assim, o sacrifício de Cristo é, simultaneamente, representativo e substitutivo.

Agora podemos ver como o sacrifício de Cristo resolve os aspectos relacionais do mal existente na Terra, ao realizar sete coisas:

### **1. Restauração do domínio humano sobre o planeta Terra**

Jesus descreveu o efeito da Sua morte do seguinte modo: “Agora é o juízo deste mundo: agora será expulso o príncipe deste mundo” (João 12:31). Satanás tem sido “o príncipe deste mundo”, porque ele usurpou o domínio que a Humanida-

de tinha sobre a Terra, através do engano (Gén. 1:26, 28), o qual fez com que os seres humanos o escolhessem como líder (Gén. 3). Mas quando Cristo, o Deus-homem, morreu, suportando o pleno efeito do pecado humano, enquanto Representante de toda a Humanidade, Ele anulou o direito que Satanás tinha ao domínio sobre a Terra e reclamou para a raça humana o domínio perdido.

Por outras palavras, desde o evento da Cruz, todo o mundo pertence a Cristo, não apenas como Deus Criador, que tinha, desde sempre, o controlo do mundo – tivesse o domínio deste Adão ou Satanás (comparar com Mat. 4:8-10) – mas agora também como o representativo vice-rei humano que teve sucesso onde Adão falhou (comparar com Rom. 12:17). Portanto, Ele tem o direito de partilhar o domínio da Terra com o Seu povo fiel, enquanto dom que lhes oferece (Dan. 7:22, 27).

O mundo, e a vida eterna nele, pertence-lhes, do mesmo modo que Canaã já pertencia aos Israelitas quando estes chegaram às suas fronteiras (Núm. 32:7;

Deut. 3:18). Os seres humanos que aceitam Cristo precisam apenas de se apropriar do que já lhes pertence, de modo a entrarem no seu repouso (Heb. 4) em moradas que Deus já providenciou para eles (João 14:2 e 3).

### **2. Amnistia coletiva**

Ao recuperar para os seres humanos o domínio sobre o planeta Terra através do sacrifício de Cristo, “Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados” (II Cor. 5:19). Isto é, tendo decapitado a rebelião, ao destruir o direito do diabo e dos seus anjos de poderem exercer a vice-regência sobre a Terra, Deus concedeu uma amnistia legal coletiva (a não confundir com a justificação legal de indivíduos) aos seres humanos que se revoltaram contra Ele, e, neste sentido, são perdoados enquanto grupo (Col. 2:13-15; Rom. 5:18).

Lembre-se do modo como Deus perdoou coletivamente à nação israelita após a revolta em Cades. Em vez de os ter destruído completamente, Deus deu-lhes uma nova oportunidade (Núm. 14:20). Esta amnistia



legal coletiva não significa que todos serão salvos. Ela é condicional, no sentido em que Deus oferece a um grupo termos que os indivíduos devem aceitar e persistir em aceitar para que possam desfrutar dos seus benefícios.

### **3. Misericórdia com Justiça**

Ao suportar o castigo por todos os pecados humanos, Cristo demonstrou que Deus concede, com justiça, misericórdia a todos os seres humanos (Rom. 3:24-26; 5:15-18; comparar com Sal. 85:10). Assim, o “ouro” do sacrifício justificador de Cristo suporta o “numerário” do Seu misericordioso perdão coletivo. Neste sentido, o sacrifício de Cristo justificou legalmente a raça humana enquanto grupo, mostrando ao Universo que Deus está justificado em permitir que a raça continue a existir. Este dom de justificação coletiva é o primeiro passo num processo. A salvação individual depende de um segundo passo, em que as pessoas aceitam pessoalmente a justificação que já está disponível para elas.

Os dois passos da justificação foram simbolizados no santuário de Israel. Os sacrifícios públicos regulares (Núm. 28:29) realizavam a justificação coletiva, que mantinha a presença dadora de vida de Deus junto deles, mas os indivíduos também precisavam de oferecer os seus sacrifícios expiatórios, de modo a receber os benefícios de pertencer à comunidade da aliança (Lev. 4; 5; etc.; Núm. 15:22-29; contrastar com os versículos 30 e 31).

Num estágio posterior, representado no santuário pelo serviço no Dia das Expições, Deus justificava as Suas próprias decisões de perdoar ou não perdoar aos indivíduos, dependendo de eles terem aceitado e continuarem a aceitar lealmente o Seu dom de perdão (Lev. 16; 23:26-32; Dan. 7:9-14; 8:14). Através da justificação providenciada por Deus, os leais são moralmente “limpos” (Lev. 16:30), no sentido de que os seus pecados são agora eternamente irrelevantes (Jer. 31:34).

### **4. Continuação da raça humana**

O efeito da provisão realizada por Cristo para que a raça humana possa continuar começou na Queda (Gén. 3), muito antes da Cruz. O castigo pela rebelião contra Deus era a morte imediata (Gén. 2:17; comparar com Rom. 6:23), a qual Ele poderia ter administrado com justiça nesse mesmo dia, extinguindo a raça humana. Adão e Eva puderam continuar a viver apenas porque Deus providenciou o meio necessário à sua redenção mediante o futuro sacrifício de Cristo (Gén. 3:15; I Ped. 1:18-20; Apoc. 13:8; 17:8). Ao continuarem a viver sob pena suspensa, os seres humanos têm a oportunidade de ver para além do engano de Satanás e de fazer uma escolha justa entre ele e Deus.

### **5. Apelo para que aceitem a misericórdia individualmente**

Ao dar o Seu Filho para que nascesse, vivesse e morresse para nos salvar, Deus demonstrou de forma suprema o Seu amor e a Sua boa von-

tade para com a Humanidade (Luc. 2:14; João 3:16; Rom. 2:4; 5:6-8). Assim, podemos confiar que a amnistia que Ele oferece é genuína e não um truque. Ao ser erguido sobre a cruz, Cristo atraiu todas as pessoas para Si (João 12:32), de modo a que elas possam experimentar individualmente a paz com Deus através da justificação que recebem ao aceitar o Seu dom de amnistia (Rom. 5:1; Efé. 2:8; comparar com João 3:16).

Os Cristãos que apontam para o Salvador são “embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos, pois, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus” (II Cor. 5:20). O apelo é feito para que se aceite a amnistia coletiva descrita no versículo anterior: Deus “estava reconciliando consigo o mundo” (v. 19). A mensagem destes versículos é a seguinte: Porque vocês estão vivos, devido à reconciliação coletiva com Deus, vivam (enquanto indivíduos) de acordo com ela.

### **6. Restauração moral**

O Cristo divino tornou-Se a Si mesmo vulnerável às tentações que assaltam toda a Humanidade. Ele fez isto ao tornar-Se num descendente de muitas gerações de pecadores (Mat. 1), tomando a natureza humana enfraquecida sobre a Sua natureza divina sem pecado (Luc. 1:30 e 31, 35). Mas Ele permaneceu moralmente sem defeito (Heb. 4:15), e, assim, tornou-Se qualificado para ser o nosso Sacrifício representativo (comparar com Lev. 22).

Tendo vencido onde nós falhámos, Cristo capacita a nossa vontade inadequada (Rom. 7) a escolher Deus e o Seu caminho de amor. Ele faz isto ao servir como nosso exemplo (Fil. 2:5-8; I Ped. 2:21), unindo a nossa vida com a Sua (Gál. 2:20; Col. 1:27) e dando poder à nossa transformação moral mediante o dom do Espírito Santo (João 3; 16:8; Rom. 5:5; 8:1-4; Tito 3:5-7). Esta transformação é uma viagem, não uma simples estação. Não é suficiente que nós aceitemos a amnistia/justificação numa dada ocasião (comparar com I Reis 1 e 2); nós necessitamos de uma relação permanente com Cristo, em que continuemos a aceitar lealmente o Seu dom pela fé (João 8:11; Col. 1:21-23; I João 5:12) e em que o estendamos a outros (comparar com Mat. 10:18; 18:23-35).

### 7. Responsabilização

Ao fazer uma extraordinária e graciosa provisão para a nossa salvação eterna, o sacrifício de Cristo remove qualquer desculpa para que continuemos a rebelar-nos contra Deus. Assim, Deus é plenamente justificado em deixar que aqueles que O rejeitam sofram a extinção eterna (Apoc. 20), que seria o destino de toda a Humanidade, se Cristo não tivesse morrido. Se as pessoas rejeitam a aplicação a si da Sua amnistia coletiva, elas ficam por sua conta e risco e devem suportar o seu castigo pela rebelião. A amnistia para todos tem o objetivo de fazer a paz, pelo que ela pode beneficiar apenas aqueles que aceitam fazer a paz nos termos do Vencedor.

### Vede o Cordeiro

Era normal uma execução romana ser brutal e sangüinária, algo sem comparação com as cenas moderadas e limpas dos nossos filmes sobre a Paixão. Mas aquele não era um dia comum na colina da morte. Quando o torturado carpinteiro judeu expirou: “Eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras. E abriram-se os sepulcros. [...] E o centurião, e os que com ele guardavam Jesus, vendo o terramoto e as coisas que haviam sucedido, tiveram grande temor e disseram: Verdadeiramente este era o Filho de Deus” (Mat. 27:51-54).

Os soldados romanos reconheceram que, ao realizarem o seu trabalho, tinham cometido, sem saber, um crime com significado cósmico. Mas o pleno e vasto alcance do que foi alcançado naquele dia tê-los-ia abismado muito mais: O mundo tinha acabado de passar, para sempre, da posse de Satanás para a posse de Cristo, e o Filho de Deus iria ressuscitar para lhes pedir a sua lealdade. ✦

**Roy E. Gane**

Professor de Teologia na Universidade de Andrews.

Publicado originalmente na *Adventist Review* de 27 de junho de 2013.



# Filhos de *Hitler*

A maior parte de nós foi criada por um pai cheio de amor. À medida que envelhecemos, os nossos olhos foram-se abrindo para ver as falhas dele. Não que tivéssemos deixado de o amar; pelo contrário, nós continuámos a amá-lo, apesar das suas falhas. Alguns dos melhores e mais íntimos momentos da nossa vida foram passados com o nosso pai. Não apenas com um papá que ama o seu filho pequenino, mas mesmo com um pai a quem já demos netos. Mas o que fazemos quando o nosso pai revela ser um vil e infame criminoso de guerra?

Recentemente, li notícias e vi algumas reportagens sobre filhos, netos e outros parentes de líderes Nazis da II Guerra Mundial. Como é que estes desgraçados herdeiros lidaram com o facto de serem descendentes diretos de homens como Rudolph Höss, Hermann Goering e Martin Bormann, ou de homens menos conhecidos, mas ainda mais cúmplices nos massacres perpetrados?

Bettina Goering, a sobrinha-neta de Hermann Goering, fugiu há décadas para o Novo México. Ela e o seu irmão foram esterilizados. “Fizemo-lo os dois de livre vontade”, disse ela, “para que não haja mais Goerings”. Alguns descendentes de Nazis converte-

ram-se ao Judaísmo. O filho de um oficial da SS tornou-se num Rabino Ortodoxo e mudou-se para Israel. Circula uma história sobre um parente, por afinidade, de Hitler que se converteu e vive hoje em Israel. Um converso realizou um *mikveh*, um banho ritual que simboliza a purificação espiritual. “Eu quase me afoquei”, disse ele, “porque sentia que tinha tanto dentro de mim que precisava de lavar”. Martin Bormann foi um dos confidentes de Hitler, um arquiteto do Holocausto, que desapareceu depois da guerra. Décadas mais tarde, numa marcha evocativa em Auschwitz, um jornalista descreveu a seguinte cena: “A presença de um Alemão idoso dificilmente levantaria suspeitas entre os milhares reunidos na Marcha dos Sobreviventes, mas o velho Alemão, agora com setenta anos, veio a Auschwitz para expiar os pecados do seu país e do seu pai.” Este idoso Alemão era Martin Bormann Jr., que tinha dezasseis anos quando o seu pai foi condenado à morte, *in absentia*, em Nuremberga.

Noutra data, em Auschwitz, jovens israelitas viram um homem idoso, sobrevivente de Auschwitz, abraçar e ser abraçado por Rainer Höss, o neto de Rudolph Höss, comandante de Auschwitz (que foi enforcado ali depois do fim

da guerra). “Assim”, disse Rainer, “tu perguntas a ti mesmo: Eles tiveram de morrer. Eu estou vivo. Por que razão estou eu vivo? Para levar esta culpa, este fardo; para tentar encontrar uma resposta. Essa deve ser a única razão para a minha existência: fazer aquilo que ele deveria ter feito”.

Talvez não sejamos descendentes de Nazis, mas somos todos herdeiros do pecado; somos todos o resultado final de 6000 anos de ADN desvirtuado. A culpa, o medo, a vergonha, ainda que não nos tenham sido legados, são tão intrínsecos à nossa natureza que nem sequer precisamos de que eles nos sejam legados. Nós somos capazes de produzi-los por nós mesmos.

Daí o poder do Evangelho: “Mas, Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rom. 5:8). Na Cruz, Jesus levou a nossa culpa e a nossa vergonha, porque, como os “filhos de Hitler”, não podemos expiar aquilo que não fizemos, tal como não podemos expiar aquilo que realmente fizemos. ✦

**Clifford Goldstein**

Editor do Manual da Escola Sabatina  
Publicado originalmente na *Adventist Review* de março de 2016.

# Sola Scriptura

Os Reformadores e  
Ellen G. White

O Cristianismo pós-apostólico perdeu muita da sua identidade bíblica original sob a influência paganizante da cultura greco-romana. No método alegórico alexandrino, muitos intérpretes cristãos encontraram margem suficiente para a sua acomodação sincretista das Escrituras à cultura popular. A aceitação desta metodologia hermenêutica começou a corroer várias doutrinas bíblicas do Cristianismo oficial. Em si mesmo, o método alegórico teria conduzido a Igreja Cristã a uma tal interpretação pluralista das Escrituras que a sua identidade religiosa acabaria por desaparecer completamente. Mas a Igreja de Roma aproveitou-se deste subjetivismo hermenêutico religioso e da influência sociopolítica do Império Romano para se estabelecer como a única verdadeira intérprete das Escrituras.

Gradualmente, muitas “tradições apostólicas” extra-bíblicas deram nova forma à interpretação das Escrituras e aos ensinamentos da Igreja. Agostinho chegou mesmo a confessar: “Quanto a mim, eu não acreditaria no Evangelho, se não fosse movido pela autoridade da Igreja Católica.”<sup>1</sup> Tomás de Aquino argumentou que “o objeto formal da fé é a Primeira Verdade, tal como se manifesta nos Escritos Sagrados e nos ensinamentos da Igreja, que procedem da Primeira Verdade”.<sup>2</sup> Mais tarde, o Concílio de Trento, na sua quarta sessão (1546), declararia que todas as verdades salvíficas e todas as regras de conduta estão contidas “nos livros escritos e nas tradições não escritas... preservadas na Igreja Católica”. À “santa mãe Igreja” pertence a



autoridade de julgar o “verdadeiro sentido e a verdadeira interpretação” das Escrituras Sagradas.<sup>3</sup> Consequentemente, os interesses eclesiásticos sobrepuseram-se à verdadeira fidelidade à Palavra de Deus e construíram uma forte tradição hermenêutica não bíblica.

Na Idade Média, pré-Reformadores como John Wycliffe, Jan Huss, Jerónimo de Praga e os Valdenses tentaram restaurar a autoridade das Escrituras, colocando-as acima das tradições religiosas e das decisões eclesiásticas. Ainda que muito limitadas no seu alcance, estas tentativas ajudaram a abrir caminho para a grande Reforma hermenêutica e eclesiástica do século XVI.

Este artigo analisa, brevemente, o modo como os Refor-

madores do século XVI usaram o princípio *sola Scriptura* como resposta à pretensão da Igreja Católica Romana de ser a única verdadeira intérprete das Escrituras, e analisa também o modo como Ellen G. White voltou a enfatizar e a aplicar este princípio na sua exposição das Escrituras.<sup>4</sup> Tais conceitos podem fornecer um enquadramento útil para se compreender o crucial papel de Ellen White em exaltar o princípio *sola Scriptura* no tempo do fim.

### **A resposta Protestante: o princípio *sola Scriptura***

A Reforma do século XVI foi, antes de mais, uma reforma *hermenêutica* que gerou uma reforma *eclesiástica*. Um dos princípios fundamentais do movimen-

to foi o princípio *sola Scriptura*, que implicava (1) o reconhecimento *teórico* das Escrituras como a única regra de fé e prática em assuntos religiosos, e (2) a aplicação *prática* desse princípio na interpretação efetiva das Escrituras. Quanto à perspectiva teórica, Lutero declarou com clareza: “Portanto, as Escrituras são a sua própria luz. É bom que as Escrituras se interpretem a si mesmas.”<sup>5</sup> Na Dieta de Worms (1521), Lutero afirmou que não “aceitava a autoridade de Papas e de Concílios, pois eles têm-se contradito mutuamente”. A menos que “fosse convencido pelas Escrituras e pela pura razão”, nunca se retrataria.<sup>6</sup>

João Calvino argumentou de modo ainda mais explícito que “aqueles a quem o Espírito Santo ensinou interiormente apoiam-se verdadeiramente sobre as Escrituras”, e que “as Escrituras autenticam-se a si mesmas; donde, não é correto submetê-las a provas e a raciocínios”.<sup>7</sup> Do mesmo modo, o artigo 6 dos *Trinta e Nove Artigos da Igreja de Inglaterra* (1571) diz o seguinte: “As Escrituras Sagradas contêm tudo o que é necessário para a salvação: pelo que aquilo que nelas não se lê, nem pode ser provado por elas, não pode ser exigido a ninguém; seja para ser crido como artigo de fé, seja como algo requerido ou necessário para a salvação.”<sup>8</sup>

Mas, de uma perspectiva prática, os Reformadores não usaram o princípio *sola Scriptura* como razão para rejeitar todas as outras fontes de conhecimento religioso. Lutero não só aceitou os primeiros *Credos Ecumênicos* e muito dos *Padres da Igreja*, mas

também escreveu o *Pequeno Catecismo de Lutero* (1529) e o *Grande Catecismo* (1529). Da mesma maneira, Calvino escreveu a sua famosa obra *Institutos da Religião Cristã* (1536, revista em 1559). Várias outras confissões e artigos de fé foram redigidos, expondo várias crenças e nuances Protestantes. Além do mais, enquanto Zwinglio e Carlstadt rejeitaram tudo o que a Bíblia não justificava, Lutero tendia a permitir o que quer que a Bíblia não proibisse.<sup>9</sup> Supondo que “seja o que for que não é contrário às Escrituras é a favor das Escrituras, e as Escrituras são a favor disso”,<sup>10</sup> Lutero manteve vários componentes da missa Católica no seu modelo litúrgico.<sup>11</sup>

Foram feitas diferentes tentativas para definir a relação entre as Escrituras inspiradas e outras declarações e obras cristãs não inspiradas. Por exemplo, a *Fórmula de Concórdia Luterana* (1577) sugeriu “três níveis de autoridade”,<sup>12</sup> incluindo (1) as Escrituras proféticas e apostólicas do Antigo e do Novo Testamentos, que “são o único padrão ou a única norma pelos quais todos os mestres e todas as doutrinas devem ser julgados”; (2) “a verdadeira doutrina cris-

tã” retirada da Palavra de Deus e condensada nos três *Credos Ecumênicos* – *O Credo Apostólico*, *O Credo de Niceia* e *O Credo de Atanásio* – e na primeira confissão de fé Luterana com os seus artigos doutrinários; e (3) “outros livros bons, úteis e puros, exposições das Sagradas Escrituras, refutações de erros e explicações dos artigos doutrinários”.<sup>13</sup>

Lutero enfatizou a autoridade *incondicional* das Escrituras, em contraste com a autoridade *relativa* e *condicional* dos teólogos da Igreja. Foi concedida apenas uma autoridade derivada àquelas partes da tradição da Igreja “que se podia provar estejam baseadas nas Escrituras” e aos três *Credos Ecumênicos*, “porque ele estava convicto de que eles se conformavam com as Escrituras”.<sup>14</sup> Consequentemente, de um ponto de vista Protestante, um Credo é apenas uma *norma normata* (uma regra de fé secundária), que tem somente “uma autoridade eclesiástica e, portanto, relativa, a qual depende da medida em que ela concorda com a Bíblia”, que é a *norma normans* (regra de fé principal).<sup>15</sup>

No entanto, Alister E. McGrath argumenta que “a única ala da Reforma a aplicar consistentemente o princípio

da *sola scriptura* foi a Reforma radical, isto é, o ‘Anabatismo’”.<sup>16</sup> Mas mesmo os Anabatistas que subscreveram os seis artigos da *Confissão de Schleithem* (1527) não foram muito longe no processo de restaurar as verdades bíblicas usando o princípio da *sola Scriptura*. Pelo que o mote “a Igreja reformada, sempre sendo reformada segundo a Palavra de Deus” (*ecclesia reformata, semper reformanda, secundum verbum Dei*)<sup>17</sup> deveria permanecer o princípio permanente daqueles que queriam fazer avançar o processo de restauração iniciado pela Reforma Protestante.

Em vez de darem continuidade a tal missão, muitos Protestantes e Evangélicos pós-Reforma começaram a abraçar hermenêuticas alternativas que ensombriavam o amplo princípio da *sola Scriptura* e a interpretação historicista das profecias bíblicas. Essas alternativas incluíam as interpretações futurista e preterista da profecia bíblica propostas pela Igreja Católica; a eliminação do elemento sobrenatural das Escrituras pelo método histórico-crítico liberal; e a fragmentação dispensacionista da unidade global das Escrituras. Cada uma destas estratégias hermenêuticas



usou um princípio humano em lugar da Bíblia, distorcendo ou, até, destruindo o princípio *sola Scriptura*. Durante o século XX, várias hermenêuticas inspiradas nas Ciências Sociais apareceriam em cena, desafiando ainda mais o princípio *sola Scriptura*.

### **A ênfase de Ellen G. White no princípio *sola Scriptura***

Muitos restauracionistas e revivalistas norte-americanos do século XIX enfatizavam a necessidade de se redescobrir alguns ensinamentos da Igreja Apostólica. Mas nenhum outro movimento religioso contemporâneo aplicou de modo tão consistente o princípio *sola Scriptura* para restaurar a verdade bíblica como o dos Adventistas guardadores do Sábado (que fundaram a Igreja Adventista do Sétimo Dia). O ministério profético de Ellen G. White foi crucial neste processo. Esse ministério, sem substituir a Bíblia ou concorrer com ela (como defendem alguns críticos), leva, na verdade, as pessoas a estabelecerem um compromisso incondicional com a Bíblia como intérprete de si mesma. Isto é evidente nos seus conselhos sobre como deveriam ser interpretadas as Escrituras e no modo como ela efetivamente as interpretou.

Sem mencionar pelo nome as teorias futurista e preterista, White defendeu a identificação historicista Protestante do Papado com a “ponta pequena” de Daniel 7:8, 11, 21 e 22, 24-26; 8:9-14; com o anticristo de II Tessalonicenses 2:1-12; e com a besta do mar de Apocalipse 13:1-9.<sup>18</sup> Ela também validou a perspectiva de que os 1260 dias simbólicos de Apocalipse 11:3 e 12:6 (cf. Dan. 7:25; Apoc. 11:2; 12:14; 13:5) eram o período de supremacia papal que decorreu entre 538 d.C. e 1798 d.C.<sup>19</sup>

Por outro lado, Ellen White alertou poderosamente para o facto de que a fé na Bíblia estava a ser “destruída tão eficazmente pela ‘alta crítica’ e pelas especulações como o era pela tradição e o rabinismo nos dias de Cristo”.<sup>20</sup> Ela explicou ainda que “a obra da ‘alta crítica’, em dissecar, conjecturar, reconstruir, está a destruir a fé na Bíblia como uma revelação divina. Ela está a roubar à Palavra de Deus o seu poder de controlar, erguer e inspirar vidas humanas”.<sup>21</sup>

Em contraste com a teoria dispensacionalista que divide a história bíblica em várias (normalmente, sete) dispensações distintas, Ellen White falou acerca de duas dispensações (o

Antigo e o Novo Testamentos), ligadas uma à outra por uma inter-relação tipológica. Ela declarou: “Não existe o contraste que muitas vezes se afirma haver entre o Antigo e o Novo Testamentos, entre a Lei de Deus e o Evangelho de Cristo, entre os requisitos da dispensação judaica e os da cristã. Toda a alma salva da antiga dispensação era salva por Cristo tão verdadeiramente quanto somos salvos por Ele hoje em dia. Os patriarcas e profetas eram Cristãos. A promessa do Evangelho foi dada ao primeiro casal no Éden, quando eles se separaram de Deus, pela transgressão. O Evangelho foi pregado a Abraão. Todos os Hebreus beberam daquela Rocha espiritual, que era Cristo.”<sup>22</sup>

Reconhecendo a existência de “diferentes graus de desenvolvimento” da revelação de Deus para ir ao encontro das necessidades das pessoas nas diferentes épocas, White argumenta que, em ambas as dispensações, “as reivindicações de Deus são as mesmas” e “os mesmos são os princípios do Seu governo”.<sup>23</sup> “O Velho Testamento é o Evangelho em figuras e símbolos. O Novo Testamento é o corpo, ou a substância. Um é tão essencial como o outro.”<sup>24</sup>

Para além de recusar as alternativas hermenêuticas mencionadas anteriormente, Ellen White também proveu outros palpites interessantes para uma interpretação da Bíblia baseada no princípio *sola Scriptura*. Falando da Bíblia como sendo “a sua própria intérprete”, ela sublinhou o princípio de que a Bíblia devia ser estudada no interior do enquadramento proporcionado pelo grande conflito cósmico-histórico entre Deus e Satanás.<sup>25</sup> Ela defendeu ainda que houvesse um equilíbrio adequado entre o estudo exegético de uma dada passagem<sup>26</sup> e a sua interpretação à luz da analogia das Escrituras.<sup>27</sup>

Reiterando a sua ênfase na analogia das Escrituras, Ellen White confirmou o seu resultado positivo: “A Bíblia é o seu próprio intérprete, uma passagem explica outra. Mediante a comparação de textos referentes aos mesmos assuntos, verá beleza e harmonia com que nunca sonhou.”<sup>28</sup> Estes conceitos moldaram o modo como ela realmente usou o princípio *sola Scriptura* para interpretar a Bíblia.

### O uso do princípio *sola Scriptura* por Ellen G. White

O facto de Ellen White não ter procedido a uma análise exegética moderna do texto bíblico nunca deve ser usado para minorizar a sua exposição das Escrituras. O seu uso das Escrituras é, de facto, um uso profético, expondo, em muitos casos, as motivações interiores dos indivíduos envolvidos e as lutas espirituais que estavam a ocorrer por detrás da cena. Além do mais, a exposição das Escrituras por Ellen White estava em harmonia com o princípio *sola Scriptura*, permitindo que a Bíblia fosse o seu próprio intérprete.

Enquanto muitos críticos da Bíblia questionavam a historicidade de Génesis 1-11 e negavam os milagres aí relatados, Ellen White manteve-se na linha dos profetas bíblicos que confirmaram a historicidade e a fiabilidade daqueles relatos. Por exemplo, tal como a historicidade dos relatos da Criação (Gén. 1 e 2) foi confirmada por outros textos do Antigo Testamento (Sal. 33:6-9; 94:9; 95:4 e 5; 121:2; 136:5-9; 146:5 e 6; 148:1-5; Isa. 40:26) e do Novo Testamento (Atos

17:24-26; Col. 1:15 e 16; Heb. 4:4, 10; Apoc. 14:7), Ellen White também a confirmou.<sup>29</sup> A Bíblia refere-se à queda de Adão e Eva por instigação da serpente (Gén. 3) como um evento literal (Rom. 5:12, 14, 18 e 19; II Cor. 11:3; Apoc. 12:9), e Ellen White compreendeu-a do mesmo modo.<sup>30</sup> Tanto o Antigo (Sal. 104:6-9) como o Novo Testamento (Mat. 24:37-39; Heb. 11:7; I Ped. 3:20; II Ped. 2:5; 3:6) consideram literal a história de Noé e do Dilúvio (Gén. 6-8); também assim a considerou Ellen White.<sup>31</sup>

Tal como a destruição de Sodoma e Gomorra (Gén. 19:23-29) foi compreendida pelo Antigo Testamento (Deut. 29:23; Isa. 13:19; Jer. 49:18; 50:40; Amós 4:11) e pelo Novo Testamento (Luc. 17:28 e 29; II Ped. 2:6-8; Judas 7) como sendo um evento histórico, também foi assim que Ellen White a compreendeu.<sup>32</sup> A historicidade dos milagres relacionados com o Êxodo e com a peregrinação pelo deserto foi confirmada por outras passagens, não apenas do Antigo Testamento (Sal. 66:6; 78:10-55; 105:26-45; 106:7-33; 136:10-16; Mal. 4:4), mas tam-



bém do Novo Testamento (Atos 7:17-44; Heb. 11:22-30); assim também compreendeu Ellen White.<sup>33</sup> A história de Jonas na barriga do grande peixe (Jonas 1:17; 2:10) aconteceu realmente, tal como relatada na Bíblia, segundo Jesus (Mat. 12:39-41), e segundo Ellen White.<sup>34</sup>

Em contraste com as tentativas da alta crítica para descobrir o “Jesus histórico” (Albert Schweitzer) e para “desmitologizar” os quatro Evangelhos (Rudolf Bultmann), Ellen White reconheceu as narrativas e os milagres dos Evangelhos como factos históricos. O seu livro clássico intitulado *O Desejado de Todas as Nações*<sup>35</sup> mostra plena confiança no modo como Jesus e o Seu ministério são retratados nos Evangelhos canónicos e provê muitas intuições interessantes sobre as suas narrativas. Este livro é um bom exemplo do seu compromisso com o princípio *sola Scriptura* no estudo da Bíblia e na exposição da respectiva mensagem.

### Conclusão

Devemos perceber que o compromisso de Ellen White com o princípio *sola Scriptura* não é aceitável para aqueles que leem a Bíblia a partir de uma outra perspectiva hermenêutica; que negam qualquer manifestação pós-canónica do dom de profecia; ou que discordam da exposição que ela faz das doutrinas bíblicas. Mas, numa época em que o Cristianismo se encontra dividido por muitas escolas opostas de interpretação da Bíblia, e em 45 000 diferentes “denominações” cristãs,<sup>36</sup> os

escritos de Ellen White funcionam como um “filtro profético divino”, capaz de remover falsas interpretações impostas artificialmente à Bíblia,<sup>37</sup> permitindo que ela se interprete a si mesma e toque a nossa vida com a sua mensagem transformadora. ✦

**Alberto R. Timm**

Diretor-Associado do *White Estate*

Publicado originalmente na revista *Ministry* em outubro de 2016.

1. Santo Agostinho, “Against the Epistle of Manichaeus; Called Fundamental”, cap. 5, sec. 6, in *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church* (NPNF), Series I, 4:215.
2. Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, II-II, q.5, a.3, consultado a 12 de novembro de 2014, [www.documentacatholicaomnia.eu](http://www.documentacatholicaomnia.eu).
3. Council of Trent, 4ª sessão, in *The Canons and Decrees of the Council of Trent*, trad. H. J. Schroeder (Rockford, IL: TAN, 1978), 17, 19.
4. Este artigo é uma versão abreviada do capítulo “Sola Scriptura and Ellen G. White: Historical Reflections” do livro *The Gift of Prophecy in Scripture and History*, eds. Alberto R. Timm e Dwain N. Esmond (Silver Spring, MD: Review and Herald, 2015).
5. Martinho Lutero, WA 10/III: 238, linhas 10 e 11; WA 7:97, linha 23.
6. Roland H. Bainton, *Here I Stand: A Life of Martin Luther* (Nashville, TN: Abingdon, 1990), 144.
7. João Calvino, *Institutes of the Christian Religion* 1.7.5, trad. Ford L. Battles (Philadelphia, PA: Westminster Press, 1960), 1:80.
8. “The Thirty Nine Articles, 1571, 1662”, consultado a 16 de novembro de 2014, [www.fordham.edu/halsall/mod/1571-39articles.asp](http://www.fordham.edu/halsall/mod/1571-39articles.asp).
9. Roland H. Bainton, *Christendom: A Short History of Christianity and Its Impact on Western Civilization* (New York: Harper & Row, 1966), 31.
10. Barnas Sears, *The Life of Luther; With Special Reference to Its Earlier Periods and the Opening Scenes of the Reformation* (Philadelphia, PA: America Sunday-School Union, 1850), 370 e 371.
11. Veja Lutero “The New Ecclesiastical System, 1523-4”, in B. J. Kidd, ed., *Illustrative*

- Documents of the Continental Reformation* (Oxford: Clarendon Press, 1911), 121-133.
12. Robert D. Preus, *Getting Into the Theology of Concord: A Study of the Book of Concord* (Saint Louis, MO: Concordia, 1977), 22.
  13. *Concordia: The Lutheran Confessions: A Reader's Edition of the Book of Concord*, 2<sup>nd</sup> ed. (Saint Louis, MO: Concordia, 2006), 508 e 509.
  14. Paul Althaus, *The Theology of Martin Luther* (Philadelphia, PA: Fortress, 1966), 6 e 7.
  15. *The Creeds of Christendom: With a History and Critical Notes*, ed. Philip Schaff (Grand Rapids, MI: Baker, 1990), 1:7.
  16. Alister E. McGrath, *Reformation Thought: An Introduction*, 4<sup>th</sup> ed. (Oxford: Wiley-Blackwell, 2012), 101 (“*scriptura sola*” no original).
  17. Um estudo perspicaz sobre a origem deste mote e outras expressões semelhantes é apresentado por Michael Bush, “Calvin and the Reformanda Sayings” in Herman J. Selderhuis, ed., *Calvinus sacrarum literarum interpres: Papers of the International Congress on Calvin Research*, 2008), 285-299.
  18. Ellen G. White, *O Grande Conflito* (P. SerVir), 365, 368.
  19. *Idem*, 365 e 366; veja também 47 e 48, 223 e 224.
  20. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (P. SerVir), 93.
  21. Ellen G. White, *Os Atos dos Apóstolos* (P. SerVir), 336.
  22. Ellen G. White, in *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, vol. 6, 1179 e 1180.
  23. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (P. SerVir), 330.
  24. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, livro 2, 104.
  25. Ellen G. White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, 416 e 417.
  26. Ellen G. White, *Aos Pés de Cristo* (P. Atlântico), 105 e 106.
  27. Ellen G. White, “The Science of Salvation the First of Sciences”, *The Advent Review and Sabbath Herald*, 1 de dezembro de 1891, 737.
  28. Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 4, 499.
  29. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (P. SerVir), 21-28.
  30. *Idem*, 29-39.
  31. *Idem*, 69-81.
  32. *Idem*, 127-139.
  33. *Idem*, 209-452.
  34. Ellen G. White, *Profetas e Reis* (P. SerVir), 177-185.
  35. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (P. SerVir).
  36. “Status of Global Mission, 2014, in the Context of AD 1800-2025”, n° 41, consultado a 1 de dezembro de 2014, [www.gordonconwell.edu/resources/documents/statusofglobalmission.pdf](http://www.gordonconwell.edu/resources/documents/statusofglobalmission.pdf).
  37. Alberto R. Timm, “Ellen G. White: Prophetic Voice for the Last Days”, *Ministry*, fevereiro de 2004, 20.

## BATISMOS EM MIRANDELA

**Anabela Esteves**  
IASD de Mirandela

No dia 10 de dezembro de 2016, houve alegria no Céu por cinco almas que se arrependeram e deram disso testemunho público, ao batizarem-se na igreja Adventista do Sétimo Dia de Mirandela. A irmã Adelina, a irmã Albina, o Pedro, o Sousa e o Jonatan fizeram, com muita alegria e emoção, um pacto com o Senhor, prometendo deixar

de viver para este mundo e começar a viver para Cristo e para a Sua glória. Cada um deles tem um propósito muito definido. Este propósito é o de cumprir as palavras de Pedro registadas em Atos 2:40: “Com muitas outras palavras dava testemunho, e os exortava, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa.” Estes cinco irmãos e irmãs vieram aumentar o número de batismos de dois para sete nestas difíceis terras transmontanas. O oficiante foi o



Pastor António Domingues, que, como é de calcular, não escondia a sua alegria e emoção, uma vez que uma

das candidatas ao batismo era a sua mãe. Que o nome de Deus seja louvado! ✨

## OFERECE-LHES FLORES ENQUANTO VIVEM

**Álvaro Bastos**  
IASD de Vila Nova de Gaia

“As melhores e mais belas coisas do mundo não podem ser vistas, nem sequer tocadas. Devem ser sentidas com o coração” – Helen Keller.

A vida das queridas irmãs Maria de Jesus, Maria de João Sarmento e Berta de Jesus tem sido dedicada a amar o próximo. Na igreja, na recolha de alimentos, no peditério nacional da ADRA, ajudando os sem-



-abrigo, enfrentando o frio e a chuva, elas estão sempre presentes para ajudar.

A irmã Maria de Jesus, viúva de Joaquim de Matos, foi batizada pelo Pastor Mário Brito e tem a bonita idade de 82 anos. A irmã Maria João Sarmento conheceu a

Igreja através da cunhada Mira Arraias e frequentou a Igreja na casa do Irmão Santiago. A irmã Berta de Jesus Vasconcelos, esposa do irmão Fernando Vasconcelos, conheceu a mensagem há 32 anos, através do falecido irmão Moreira (de Oliveira do

Douro), na praia de Salgueiros, enquanto estava acamada com o seu marido e os seus dois filhos.

Oferece-lhes flores enquanto vivem, pois é tempo de fazer esta simples homenagem a estas servas de Deus. ✨

## BATISMOS EM LAGOA E LAGOS

**Iulian Negru**  
Pastor

No sábado 11 de fevereiro de 2017, a igreja Adventista do Sétimo Dia de Lagoa teve a alegria de receber os irmãos das igrejas de Portimão, Lagos, Portimão de Leste e de outros lugares para a realiza-

ção de uma linda cerimónia batismal.

O Pastor Luís Fonseca dirigiu à igreja uma mensagem de consagração, dando ênfase à necessidade de uma entrega de cada pessoa a Jesus. Durante a cerimónia, alguns grupos musicais louvaram Deus com as suas belas vozes.

Neste dia foram batizados Hélder Divengle, Rafael

Ferreira, Sebastião e Rita Ulmann. Dulce Konemann foi aceite por profissão de fé. Hélder é agora membro da igreja Adventista do Sétimo

Dia de Lagoa e os demais farão parte da igreja Adventista do Sétimo Dia de Lagos. Louvamos Deus por mais estas conquistas espirituais. ✨





## BATISMOS EM COIMBRA

**Carlos Santos**

*Diretor de Comunicação da IASD de Coimbra*

Naquele sábado, 17 de dezembro de 2016, o Salão de Culto da igreja de Coimbra estava repleto de irmãos e irmãs, de visitas e, muito especialmente, dos familiares diretos da jovem Rita Esteves, candidata ao batismo. O Culto Solene foi presidido pelo Pr. José Lagoa. Tivemos também entre nós, como convidado especial, o Pr. Pedro Esteves, que, na qualidade de Diretor do Departamento de Jovens, teve a seu cargo a solene responsabilidade da Cerimónia Batismal. Foram marcantes as referências bíblicas apresentadas por ambos os Ministros do Culto naquela manhã do santo dia do Senhor. O exame bíblico à candidata Rita Esteves foi feito pelo ancião Fernando Esteves, por quem, em tempo de preparação, foram ministrados os respetivos estudos bíblicos. Em seguida, por proposta do Pr. José Lagoa, a jovem Rita Esteves receberia da parte da Assembleia a aprovação e a aceitação como

nossa nova irmã e membro de pleno direito da igreja de Coimbra. Eram 11 horas e 49 minutos quando a vimos ser sepultada nas águas batismais, selando deste modo o seu novo nascimento. Não deixamos de registar o sorriso aberto e bonito da Rita Esteves, a revelar serena felicidade por viver este momento tão único e tão especial nesta fase da sua vida. A entrega do respetivo Diploma, a atestar o seu compromisso com o Salvador, bem como a oferta de flores, de um livro e, por último, os muitos abraços e beijos dos familiares e amigos, marcaram aquele tempo tão especial para a Rita. Em nome da igreja de Coimbra que a acolheu, desejamos que a Rita guarde sempre no coração este momento especial, até que Jesus venha em majestade e glória buscar os que aqui O amaram e Lhe foram fiéis. Que o Seu bom Espírito a abrace todos os dias da sua vida. ✨

Decorria já a tarde do dia 7 de janeiro, o primeiro sábado deste ano. Pela graça de Deus, a Sala de Culto estava emoldurada por um significativo número de ir-

mãos e irmãs da igreja de Coimbra e de outros lugares, e também por visitas simpatizantes da mensagem do Advento. Registámos igualmente a presença de familiares e de amigos da D. Maria de Fátima Trindade, que fizeram questão de assistir ao seu batismo. Foram trazidos à memória da assistência alguns textos bíblicos sobre o batismo por imersão. O Pr. José Lagoa, que presidiu à cerimónia, não deixou de apelar para a necessidade de abraçarmos tão solene compromisso pessoal com Cristo, pois que, através do “sepultamento com Ele na Sua morte”, é declarado publicamente o desejo do que crê de se tornar numa nova criatura, candidata ao Reino eterno preparado pelo Salvador. O resumido exame esteve a cargo do ancião Fernando Esteves, ele mesmo o instrutor bíblico da D. Maria de Fátima. A seguir, o Pr. José Lagoa propôs à Assembleia a aceitação da nossa irmã nos registos da igreja de Coimbra, como novo membro de pleno direito. Os momentos da cerimónia a que tivemos o grato prazer de assistir foram muito simples, tal como



a simplicidade de espírito e humildade de coração que notámos nesta nossa nova irmã em Cristo. Foi uma hora de muita coragem, de muita serenidade e de silenciosa emoção, pelo facto de o seu marido, Carlos Alberto Alves, ter falecido uns tempos antes (em finais de 2016) e o batismo dele também ter estado agendado, precisamente, para aquele sábado, 7 de janeiro. A igreja soube associar-se à discreta alegria interior da irmã Maria de Fátima com beijos e afetuosos abraços. Oramos para que nunca desfaleça na fé e que tenha sempre um coração leal e firme quanto às doutrinas que aceitou, até que o nosso bom mestre Se manifeste em glória, conforme a Sua fiel promessa: “Virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também” (João 14:3).

Maranata! ✨

## BATISMOS EM BRAGA

**Paulo Neves**

*Pastor da IASD de Braga*

“Eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores, ao arrependimento” (Lucas 5:32). No sábado, 11 de fevereiro de 2017, um casal muito querido deu testemunho da sua aceitação de Jesus Cristo como Salvador pessoal, ao

descer às águas batismais na igreja Adventista do Sétimo Dia de Braga. Francisca e Adolfo estudaram a Bíblia durante vários meses, findos os quais quiseram selar este pacto com o Senhor perante familiares, amigos e todo o Universo. Esta cerimónia batismal foi dirigida pelo Pastor Paulo Neves e a mensagem espiritual então partilhada incidiu sobre a

necessidade de haver um arrependimento sincero e de existir o desejo de cada crente fazer uma aliança com o nosso Deus. A decisão destes irmãos é muito preciosa, pois é a prova de que Deus está de braços abertos para todos aqueles que vêm a Ele. O irmão Adolfo confidenciou que, se soubesse a bênção que seria ter Jesus no coração, já teria tomado



a decisão de O conhecer há muito tempo, pois, com os seus quase 79 anos, tem me-



nos tempo para trabalhar na seara do Mestre. Gostaríamos de dizer ao irmão Adolfo e a todos os leitores que nunca é tarde de mais

para ir a Cristo, pois Ele estará sempre disponível para nos receber, independentemente da idade, da raça ou do sexo. Ele diz: “Todo o que

o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora” (João 6:37). É com muita alegria que damos as boas-

-vindas à irmã Francisca e ao irmão Adolfo na família Adventista, desejando que o Senhor os continue aabençoar ao longo da sua vida. ✨

## DEDICAÇÃO E BATISMO EM GUIMARÃES

**Paulo Neves**  
Pastor da IASD de Guimarães

“E buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes com todo o vosso coração” (Jeremias 29:13). O dia 25 de fevereiro de 2017 foi um dia muito importante para a família Adventista de Guimarães. Houve júbilo no Céu e na referida igreja porque o André Cadete foi batizado por imersão nas águas batismais, como a Sagrada Escritura ensina, e o seu filho, o pequeno

Davi Cadete, foi dedicado ao Senhor no mesmo dia. A igreja Adventista do Sétimo Dia de Guimarães estava cheia e com muita alegria no coração, por poder testemunhar este momento único da família Cadete. As duas cerimónias foram dirigidas pelo Pastor Paulo Neves, que realçou a importância de uma entrega total ao Senhor, mostrando que os dois momentos vividos neste dia – a dedicação do pequeno Davi e o batismo do André – foram também experimentados na vida

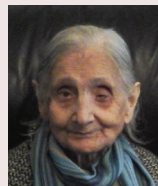
d’Aquele que é o nosso modelo: Jesus Cristo. Agradecemos a Deus pela forma como tem chamado os Seus filhos sinceros e como os tem conduzido à verdade. Fomos também agraciados com as melodiosas vozes da Hadassa Salcedo e da Raquel Abreu, que louvaram o Senhor e fizeram deste dia um momento ainda mais especial. No apelo do Pastor para um próximo batismo, nove almas responderam positivamente e decidiram mostrar publicamente o desejo de se unirem à Igreja



num futuro próximo. Rendemos louvores a Deus pela entrega destes dois filhos de Deus, desejando que o Senhor os continue aabençoar no seu caminho rumo à pátria celestial. ✨

## DESCANSOU NO SENHOR

**Delmira Brás**  
Secretária da IASD da Póvoa de Santa Iria



Faleceu no passado dia 23 de fevereiro, com 93 anos, a nossa querida irmã

**Etelvina das Dores Silva.** Gostaríamos de recordar brevemente a história e a importância desta irmã, que está intimamente ligada à história da igreja Adventista do Sétimo Dia da Póvoa de Santa Iria.

Casada com o irmão Domingos da Silva, com três filhos, conheceu a mensagem em 1968, tendo-se batizado logo de seguida e levado ao

batismo o seu esposo e dois filhos: Evangelina das Dores Filipe e José Manuel das Dores Silva. Frequentavam a igreja de Vila Franca de Xira quando, em 1990, devido ao número de pessoas que estudavam a Bíblia em sua casa, com o consentimento da UPASD, foi arrendado um apartamento. Foi assim criado o grupo da Póvoa de Santa Iria. A inauguração da Sala de Culto foi feita em 5 de janeiro de 1991, pelo Pastor Joaquim Dias, então Pastor da igreja Central de Lisboa.

Fortemente empenhada com o seu esposo e com a sua filha no trabalho missionário e na orientação da caminhada espiritual dos vizinhos e da família, a irmã Etelvina Silva muito contribuiu para que o grupo fosse, em Assembleia da União,

oficialmente entregue aos cuidados espirituais da igreja de Alvalade, continuando os membros da família Silva a assumir os vários cargos de liderança para que eram chamados e que desempenharam. O esposo da irmã Etelvina, o irmão Domingos da Silva, faleceu em 2002. De saúde frágil e já com 80 anos, a irmã Etelvina foi-se afastando da liderança, mas sem nunca deixar de ser uma missionária ativa, pronta para testemunhar da sua fé.

Toda a sua vida, desde que conheceu a mensagem, foi pautada pela fé, pelo testemunho e pelo trabalho missionário, não se poupando a esforços. Educou o seu neto David Filipe na fé, sendo este um dos jovens que mais se empenhou no desenvolvimento do Grupo. A irmã Etelvina pôde ainda teste-

munhar a mudança de instalações para uma sala de culto com melhores condições, contribuindo com orações e ofertas. Testemunhou também a passagem administrativa do Grupo a Igreja, o que a tornou muito feliz.

Nos últimos anos, tinha grandes dificuldades de locomoção, mas não deixava de estar presente cada sábado. Era muito amada e era também uma referência de resiliência para todos nós, inspirando-nos para que buscássemos uma comunidade mais forte e mais duradoura com Cristo.

O serviço fúnebre foi realizado no dia 25 de fevereiro, pelo Pastor Enoque Nunes, tendo todos os irmãos e amigos estado presentes. Cremos num breve reencontro, na manhã da ressurreição. ✨

# As mensagens dos três anjos e as religiões mundiais

**D**eus vê os sete mil milhões de pessoas que vivem na Terra. Elas não são para Ele um mar de rostos sem nome. Ele ama cada indivíduo mais do que nós amamos os nossos filhos. Milhões nem sequer sabem que Deus existe; há milhares de línguas em que nem uma oração foi alguma vez proferida no nome de Jesus. Deus não permitirá que a história da Terra acabe assim. Ele prometeu que “este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim” (Mat. 24:14).

O Evangelho que Deus quer comunicar foi resumido nas mensagens dos três anjos de Apocalipse 14. Isto pode ser visto no foco global da sua introdução. “E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo e língua e povo” (Apoc. 14:6). Toda a *nação*, e *tribo* e *língua* inclui quinhentos milhões de Budistas, mil

milhões de Hindus, catorze milhões de Judeus, mil e quinhentos milhões de Muçulmanos e muitos milhões de seguidores das religiões tradicionais e populares.<sup>1</sup>

Os Adventistas do Sétimo Dia têm, desde há muito, considerado que as mensagens dos três anjos são o coração do seu movimento. A maioria considera estas mensagens como sendo, primeiramente, um apelo aos dois mil e duzen-





tos milhões de Cristãos, para que aceitem as verdades esquecidas da Bíblia. No entanto, Apocalipse 14:6-12 revela claramente que a audiência que Deus pretende alcançar com as mensagens angélicas inclui todos os seres humanos, de todos os povos e de todas as religiões. Em resposta ao amor de Deus e por causa do nosso desejo de ver Jesus voltar, precisamos de considerar o que estas verdades significam para aqueles que não são Cristãos, e também como podemos comunicá-las de modo mais eficaz.

### A mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14

A mensagem do primeiro anjo diz: “Temei a Deus e dai-lhe glória, porque é vinda a hora do seu juízo, e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apoc. 14:7). Esta mensagem liga-se intimamente com verdades enfatizadas nas Escrituras judaicas e muçulmanas. Deus é retratado na *Torah* e no Corão como o Criador, o Legislador e o Juiz. Os Muçulmanos empenhados enfatizam a importância de se adorar o único verdadeiro Deus e de se apelar às pessoas para se renderem plenamente Àquele que julgará o mundo. Os Judeus

empenhados procuram santificar o Sábado, por causa da sua crença na Criação e nos Dez Mandamentos. Nas nossas conversas com os Judeus e os Muçulmanos, devemos enfatizar estas importantes semelhanças. Nós partilhamos uma profunda preocupação com o facto de o mundo, incluindo muitos Cristãos, se ter virado para a idolatria, a Evolução e a adoração da Natureza e do ego, em vez de se adorar o Deus Criador.

A mensagem do primeiro anjo torna claro que há algo que merece ser temido no facto de que Deus continua a julgar o mundo. Ele sabe tudo, regista tudo e irá punir ou recompensar tudo. Os Adventistas do Sétimo Dia ensinam que estamos atualmente no tempo do juízo investigativo. Embora ninguém deva temer o amor de Deus, cada pessoa deveria temer suficientemente a Sua santidade para abandonar o pecado.<sup>2</sup>

Esta ênfase no juízo liga-se a uma parte significativa das crenças budistas e hindus sobre o *karma*. “Faz o bem e receberás o bem. Faz o mal e receberás o mal” é a frase que ouvi mais frequentemente ao longo do meu ministério na Ásia. A maioria crê que haverá um juízo sobre os atos que cometeram, com consequências

no que eles receberão nesta vida, no Céu, no inferno e na próxima reencarnação.

Muitos crentes nestas religiões orientais não se sentem atraídos para o Cristianismo, porque ele parece-lhes ser menos moral do que a sua religião. Eles veem muitos que não levam o pecado a sério, mas reclamam o perdão de Deus. O materialismo, a imoralidade e a violência dos países “cristãos” corroboram esta percepção negativa. Quando os Adventistas do Sétimo Dia dão valor aos vários aspetos da Lei de Deus e procuram alcançar a pureza de pensamento, palavra e ação, os Budistas e Hindus ponderados olham-nos com respeito e admiração.

A declaração “temei a Deus, dai-lhe glória e adorai-o” certamente não se enquadra com todas as crenças das religiões mundiais. Eu já caminhei ao longo do rio Ganges, na Índia, e vi a devoção, a glorificação e a adoração prestada a muitos deuses em vários santuários. Eu vi na Tailândia como o nosso apelo para se depender de um Deus pessoal, para se alcançar a salvação, contrasta completamente com a confiança que os Budistas colocam nas suas próprias ações e na meditação. Eu sei que muitas pessoas em todo o mundo respeitarão Jesus como profeta, taumaturgo ou mestre iluminado; mas rejeitam-n’O enquanto Deus eterno e única fonte de salvação.

A verdade é que cada Budista, Hindu, Muçulmano e Cristão tem um coração pecador centrado em si mesmo, que não é naturalmente inclinado a render glória apenas a Deus. No entanto, é nosso dever e nosso privilégio conduzi-los à decisão de matar o ego e estabelecer uma relação com o Criador e Redentor.

Eu já vi o entusiasmo e a alegria de um taxista budista que ouviu pela primeira vez sobre o Criador do mundo, o seu verdadeiro Pai. Eu já vi lágrimas correrem pela face de um traficante de crianças, ao perceber que havia perdão em Cristo até mesmo para ele. O Evangelho eterno é, definitivamente, para toda a nação, e tribo e língua e povo de todas as religiões do mundo.

No entanto, é crucial o modo como partilhamos este Evangelho eterno. As palavras têm de estar cheias de amor e ser apoiadas por um caráter íntegro. Há uma razão para a mensagem do primeiro anjo surgir depois da descrição dos 144 000. Eles têm o nome do seu Pai na sua testa, são-Lhe totalmente devotados, seguindo Jesus para onde quer que Ele vá. A Bíblia descreve a glória de Deus como sendo a Sua bondade, graça e compaixão que brilham no coração do Seu povo em tudo o que eles comem, bebem ou fazem.<sup>3</sup>

O estilo de vida do tempo do fim próprio do Adventismo é atraente para as pessoas ponderadas que partilham uma das religiões do mundo. Os Judeus apreciam o facto de guardarmos o Sábado. Os Muçulmanos ficam agradavelmente surpreendidos com a nossa abstinência de álcool e carne de porco. Os Hindus apreciam o nosso vegetarianismo e a nossa posição sobre a não violência. Os Budistas respeitam a ênfase na rejeição do materialismo presente no nosso apelo à simplicidade e à generosidade vistas na nossa prática do dízimo e, até, na nossa rejeição do uso de joias.

O verdadeiro Cristão que é capaz de perdoar o seu inimigo, ser fiel ao seu cônjuge, parar de beber ou fumar e viver consistentemente uma vida de altruísmo é um espe-

táculo espantoso para qualquer crente de qualquer religião mundial. Cristãos assim levarão muitos a darem glória a Deus pelo Seu poder de transformar vidas.

### A mensagem do segundo anjo de Apocalipse 14

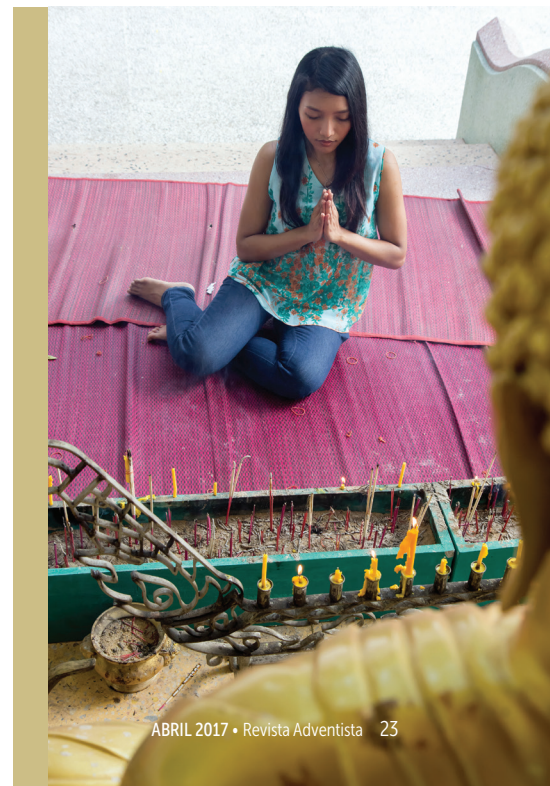
A mensagem do segundo anjo de Apocalipse 14 é um aviso claro de que algo decaiu moralmente e não pode ser confiado: “Caiu, caiu Babilónia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição” (Apoc. 14:8). Por que razão esta mensagem deve ser partilhada não apenas com os outros Cristãos, mas também com as pessoas adeptas das religiões mundiais? O anjo que explicou o mistério de Babilónia tornou clara essa razão, quando disse: “As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, e multidões, e nações, e línguas” (Apoc. 17:15).

João descreve cuidadosamente Babilónia no mesmo capítulo. Muitos estudantes da Bíblia ao longo dos séculos têm identificado Babilónia como sendo a Igreja Cristã corrompida, especialmente a Igreja de Roma. O vinho é descrito como sendo as suas doutrinas embriagantes, que retiraram o foco da pessoa de Jesus. São crenças como a capacidade de os sacerdotes perdoarem pecados, a necessidade de certas cerimónias – como a missa – para se alcançar a salvação, a infalibilidade do Papa como porta-voz de Deus, e a utilidade das orações dirigidas aos santos falecidos.

Muitos também interpretam a frase “ela deu a beber do vinho da ira” como uma descrição dos longos anos de perseguição em que a Igreja Romana foi responsável pela morte de milhões de heréticos.<sup>4</sup>

O que tem isto a ver com as religiões do mundo? Quando falamos acerca dos falhanços do Cristianismo em comparação com a beleza de Jesus, isso abre os olhos dos nossos amigos Budistas, Hindus, Judeus e Muçulmanos para os falhanços e a inadequação de todas as religiões. Eles podem ver facilmente os erros dos seus próprios sistemas religiosos neste espelho. Muitos ficam perturbados quando passam ao lado de edifícios religiosos ricamente decorados que se erguem acima de bairros de lata sujos e cheios de doenças. Eles ficam penalizados pelos pecados sexuais entre os seus sacerdotes, monges e demais clero. Eles reconhecem que a própria história do seu povo está cheia de violência religiosa e de preconceito. E há um crescente desgosto face à mistura da religião com a política, que resulta em intolerância e derramamento de sangue. Ao falarmos acerca destas coisas, podemos ajudar as pessoas a distinguirem entre os falhanços da religião e Cristo.

Já ouvi pessoas dizerem: “Todas as religiões são boas.





Todas elas ensinam as pessoas a serem boas.” De facto, as religiões têm indicado o que é bom e o que é mau; as pessoas sabem que não devem matar ou roubar, trair o seu cônjuge ou mentir. O problema é que elas fazem-no na mesma. A religião e o conhecimento, em geral, não são suficientes para purificar o coração do egoísmo, tal como também não podem expiar os pecados passados. Babilónia e todas as demais religiões *caíram*, não tendo a capacidade de salvar.

No contexto de uma amizade calorosa e tendo em vista algo de melhor, podemos passar aos nossos amigos que pertencem às várias religiões mundiais o seguinte apelo de Deus: “saí do meio deles e apartai-vos”, de modo que Eu possa ser um Pai para vós (II Cor. 6:17 e 18).

### A mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14

A mensagem do terceiro anjo apresenta um aviso ainda mais intenso sobre a besta, a sua imagem e a sua marca. Os Adventistas do Sétimo Dia têm mostrado, a partir de Apocalipse 13, a existência de uma clara ligação entre esta besta final da profecia e os Estados Unidos da América. A Bíblia

predisse que um novo país seria formado no final do século XVIII num território largamente deserto, mas que ele cresceria para se tornar numa superpotência mundial. Inicialmente seria amante da paz e pacífico como um cordeiro, mas depois falaria como um dragão. Segundo a profecia, a América irá um dia deixar de promover a liberdade e passará a impor um determinado modo de adoração. A profecia avisa todos os seres humanos a não se incluírem entre aqueles que “adoram a besta e a sua imagem” e “recebem o sinal do seu nome” (Apoc. 14:9-11).

Como é que esta mensagem é relevante para o nosso testemunho junto de pessoas adeptas das religiões do mundo? Quando eu partilho esta profecia, as pessoas reconhecem rapidamente que os EUA obtiveram uma enorme influência mundial num curto espaço de tempo. Elas veem o impacto deste país ao redor do mundo, tanto económica, como politicamente. Não apenas isso. Muitos veem o efeito negativo dos filmes de muitos milhões de dólares que traduziram a violência, a imoralidade e o espiritualismo em tantas línguas. A influência dos filmes, dos jogos e da música

está instantaneamente disponível na *Internet*, levando as pessoas – especialmente os jovens de qualquer cidade do mundo – a partilharem o mesmo aspeto exterior, à medida que o mundo é arrastado para uma cultura de rebelião e de vida irresponsável.

É importante partilhar esta parte da mensagem do terceiro anjo, porque ela alerta para o que virá e serve para dissociar os problemas do Cristianismo atual do verdadeiro Jesus e dos Seus seguidores genuínos. A mensagem termina com um foco colocado sobre um povo que verdadeiramente acolheu o Evangelho de Jesus. Eles são aqueles “que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Apoc. 14:12). Este é o Evangelho, a mensagem da justificação pela fé, em que Deus oferece o perdão dos pecados e uma nova vida cheia com a presença de Jesus, que leva à guarda dos mandamentos.

Eu já vi compreensão e respeito brilharem nos olhos de monges budistas ao partilhar com eles o modo como o verdadeiro Evangelho inclui a misericórdia e a morte do ego, levando à pureza e à compaixão. Eu já os vi converterem-se sob a influência de uma família cristã piedosa.

### Passos para partilharem a mensagem

Estas mensagens dos três anjos podem ser partilhadas de muitos modos práticos com amigos que seguem as várias religiões mundiais. A Igreja Adventista do Sétimo Dia aplicou energia, reflexão e dinheiro nos Centros de Estudo da Missão Global Adventista de modo a descobrir formas mais eficazes de partilhar o amor de Deus com Budistas, Judeus, Hindus, Muçulmanos e pós-mo-



dernos seculares que compõem as multidões das cidades do mundo. Muito pode ser ganho, se consultarmos os manuais, os modelos e os recursos que eles produziram.<sup>5</sup>

Aqui, quero partilhar simplesmente quatro passos fáceis, que se revelaram uma bênção para alcançar pessoas de qualquer religião.<sup>6</sup>

1. *Escute.* Não tem que ser um especialista nas religiões mundiais para partilhar Cristo. O que interessa é saber no que crê e do que necessita a pessoa que está diante de si. Seja um bom amigo e ouça atentamente, e descobrirá quais os passos seguintes a dar para partilhar o amor de Deus.

2. *Destaque as semelhanças.* Fale acerca dos valores que partilha com o seu amigo. Ajudem-se mutuamente a viverem essas qualidades na vida real do dia-a-dia. Prepare comida saudável com um Hindu, sirva os pobres com um Budista, guarde o Sábado com um Judeu, e ore com um Muçulmano. Não se apresse a discutir as vossas diferenças. Deixe que o seu amigo veja em si, na sua Bíblia e no seu Deus os valores que ele mesmo possui.

3. *Partilhe as diferenças através de histórias.* É muito mais divertido contar histórias do que argumentar. As discussões fecham os corações. As histórias abrem-nos e transformam-nos. Partilhe o seu testemunho; é a ferramenta mais poderosa de que dispõe. Isto inclui não apenas a sua conversão, mas as várias respostas à oração e, em especial, as mudanças no seu caráter e no seu lar. Espreite com espírito de oração em busca de oportunidades e plante com frequência estas sementes. As histórias e parábolas da Bíblia são também muito úteis. Jesus nunca ensinava sem usar uma história. Pode dizer: “Isto faz-me lembrar

uma antiga história de que eu gosto muito...” Deus irá usar a Sua Palavra para comunicar ao seu amigo a compreensão da verdade.

4. *Conduza a uma experiência.* As pessoas têm de testar e de ver por si mesmas se creem em algo. Não precisa de esperar que o seu amigo esteja pronto para entregar o seu coração a Jesus para lhe pedir uma decisão. As pequenas decisões são grandes passos. Pode dizer: “Posso orar pelo teu filho adolescente?” Nunca nenhuma pessoa recusou a minha oferta para orar por ela. Deus deleita-Se em fazer milagres de modo a levar pessoas a ter fé n’Ele. Poderá dizer: “Gostarias de memorizar este versículo bíblico que me ajudou na relação com o meu cônjuge?” A Palavra de Deus está cheia de bons conselhos para todas as áreas importantes da vida. Convide o seu amigo a provar frequentemente a eficácia de pequenos textos bíblicos. Pode convidar alguém a juntar-se a si no culto de adoração: “Gostarias de experimentar o Sábado com a minha família este fim de semana? Iremos passar a tarde na Natureza. Isto tem ajudado a mantermos a família unida e a reduzir os nossos níveis de *stress*.” O seu amigo pode não saber Quem é Deus, mas o amor e as lições que ele aprende-

rá podem rapidamente conduzi-lo à fé no Criador.

Estas mensagens dos três anjos realmente resumem bem a amorosa mensagem final de Deus dirigida a todas as pessoas de todas as religiões. Apocalipse 14 termina com uma imagem clara do que acontecerá quando decidirmos partilhar estas verdades. Um grupo rejeitará o amor de Deus e amadurecerá no mal como uvas prontas a serem vindimadas. O outro grupo reagirá favoravelmente e receberá a justiça de Cristo, tornando-se maduro como o trigo para ser colhido para glória de Deus. ✓

**Scott Griswold**

Pastor

Publicado originalmente na revista *Ministry* de fevereiro de 2016.

1. Pew Research Center, “The Global Religious Landscape”, 18 de dezembro de 2012, [www.pewforum.org/2012/12/18/global-religious-landscape-exec/](http://www.pewforum.org/2012/12/18/global-religious-landscape-exec/) consultado a 22 de dezembro de 2015.

2. Veja Êxodo 20:20; Mateus 10:28-31; Hebreus 10:26-31.

3. Veja Êxodo 33:17; II Coríntios 4:6; I Coríntios 10:31.

4. Isto é visto em ligação com uma interpretação semelhante do poder da ponta pequena em Daniel 7 e 8.

5. Para aceder a estes recursos, visite [www.adventistmission.org](http://www.adventistmission.org).

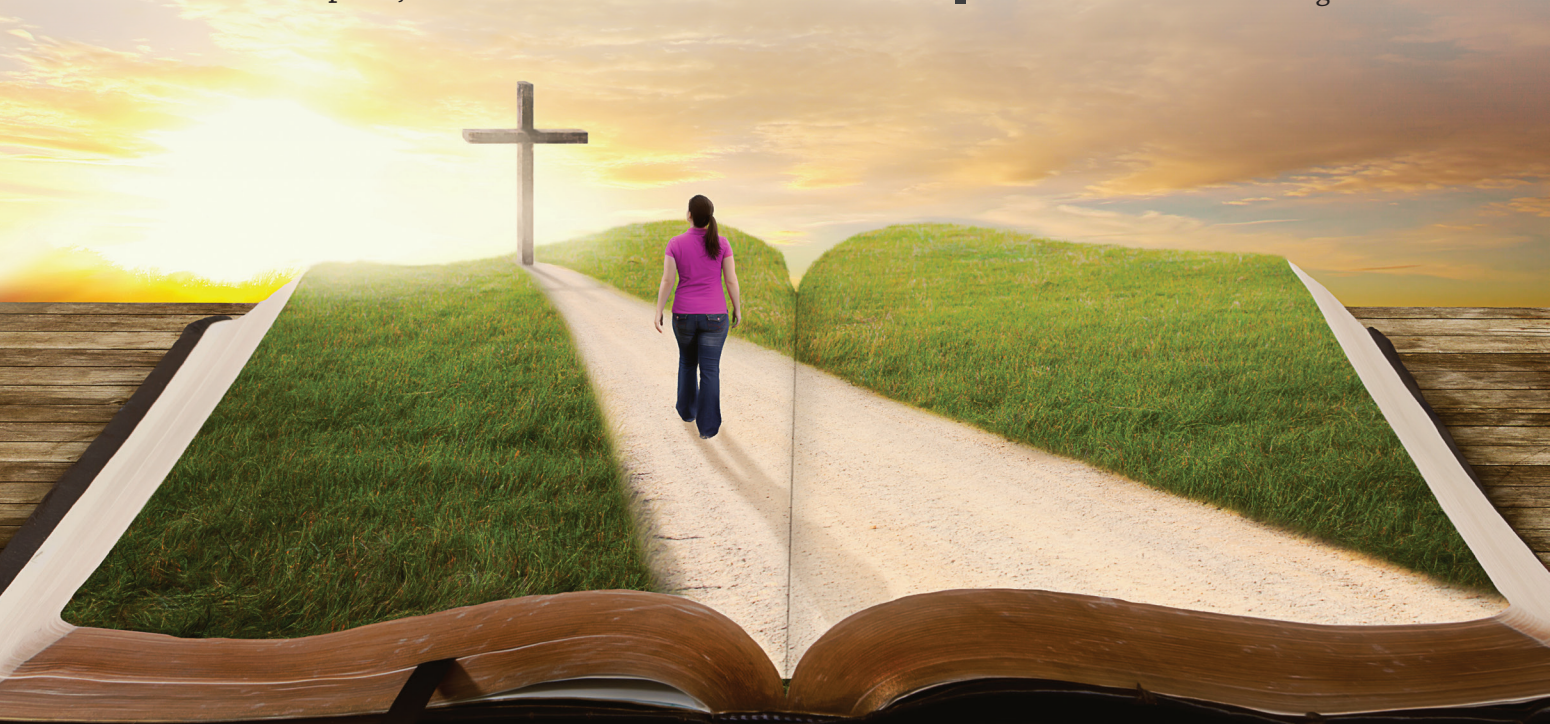
6. Para mais formação nestes passos e outros conceitos missionários trans-culturais, visite [www.reachtheworldnextdoor.com](http://www.reachtheworldnextdoor.com).



# O testemunho de Jesus

Muitos comentários ao longo dos séculos têm-se debatido com a expressão joânica “o testemunho de Jesus”. Trata-se do testemunho geral da Igreja Cristã acerca de Jesus ou é o testemunho que o próprio Jesus deu quando esteve aqui na Terra e que, depois disso, comunicou através dos profetas da Igreja Cristã? A expressão testemunho de Jesus (*marturia Iêsou*) ocorre seis vezes no livro de Apocalipse (1:2, 9; 12:17; 19:10 [duas vezes]; e 20:4). Os comentadores têm apresentado duas explicações do seu sentido.

A primeira perspectiva considera *marturia Iêsou* como um genitivo *objetivo* e interpreta-o como sendo o testemunho de uma pessoa sobre Cristo.<sup>1</sup> Assim, a guerra mencionada em Apocalipse 12:17 refere-se às “perseguições contra os indivíduos da Igreja que guardam os mandamentos de Deus e dão testemunho de Jesus”.<sup>2</sup> A segunda perspectiva considera *marturia Iêsou* como um genitivo



*subjetivo* e compreende o testemunho de Jesus como sendo a autorrevelação de Jesus – o Seu próprio testemunho.<sup>3</sup>

Um estudo da palavra *marturia* na literatura joanina, onde ocorre 21 vezes, indica que esta palavra foi usada 14 vezes numa construção genitiva que é claramente *subjetiva* (João 1:19; 3:11, 32 e 33; 5:31; etc.). Nos escritos de João a ideia *objetiva* de “testemunhar sobre” ou “testemunhar acerca de” é sempre expressa pela associação da preposição *peri* (“sobre”, “acerca”) com o verbo *martureo* (“testemunhar”). Ele nunca usa o substantivo *marturia* (“testemunho”) com uma construção genitiva objetiva. Por exemplo, João 1:7: “para que testificasse da luz” (*martureo + peri*); João 5:31: “Se eu testifico de mim mesmo” (*martureo + peri*); I João 5:9: “este é o testemunho de Deus, que ele dá acerca do seu Filho” (*martureo + peri*).<sup>4</sup>

### O uso de *marturia* em Apocalipse

“[João] testificou da palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que tem visto” (Apoc. 1:2).

A introdução ao livro de Apocalipse apresenta a fonte, isto é, Deus, e o conteúdo do livro – a revelação de Jesus Cristo. No versículo 2, é-nos dito que João é uma testemunha “da Palavra de Deus” e do “testemunho de Jesus”.

A “Palavra de Deus” é usualmente compreendida como referindo-se àquilo que Deus diz; e “o testemunho de Jesus”, estando em paralelo com a “Palavra de Deus”, deve, portanto, significar o testemunho que o próprio

Jesus dá. De que modo Jesus testemunhou de Si mesmo? Enquanto esteve aqui na Terra, Ele testificou pessoalmente às pessoas na Judeia. Depois da Sua ascensão, Ele falou através dos Seus profetas.

“Eu, João, que também sou vosso irmão, e companheiro na aflição, e no reino, e paciência de Jesus Cristo, estava na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo” (Apoc. 1:9).

Antes de falar detalhadamente acerca da sua primeira visão, João apresenta-se e às suas credenciais. Ele menciona quem é – João, o “vosso irmão”; menciona onde está – em Patmos; menciona a razão por que está ali – por causa da “palavra de Deus” e do “testemunho de Jesus”; e indica quando recebeu a visão – “no dia do Senhor”.

O paralelismo entre a “palavra de Deus” e o “testemunho de Jesus” é de novo claramente discernível. A “palavra de Deus” no tempo de João era o Antigo Testamento e o “testemunho de Jesus” refere-se ao que Jesus tinha dito nos Evangelhos e através dos Seus profetas – pessoas como Pedro e Paulo. Assim, ambos os genitivos podem ser considerados genitivos *subjetivos*. Eles descrevem o conteúdo da pregação de João, por causa da qual ele tinha sido banido.

“E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Apoc. 12:17).

O “resto da sua semente” inclui os membros fiéis da Igreja de Deus no tempo do fim. O dra-

ção que tentou destruir a mulher (a verdadeira Igreja de Deus) ao longo do período dos 1260 anos (Apoc. 12:6, 14) dirige agora a sua cólera contra o resto dos crentes fiéis. Os membros deste remanescente são identificados por duas características específicas: Eles “guardam os mandamentos de Deus” e têm “o testemunho de Jesus”.

Sejam quais forem os mandamentos que queiramos incluir na primeira característica, devemos certamente incluir os Dez Mandamentos. Assim, o primeiro sinal identificador da Igreja remanescente é a sua lealdade aos mandamentos de Deus – todos os Seus mandamentos, incluindo o quarto, isto é, o mandamento do Sábado.

Deus diz em Apocalipse 12:17, essencialmente, o seguinte: No fim do tempo Eu terei uma Igreja visível – a Igreja Remanescente – que será reconhecida pelo facto de guardar os mandamentos tal como Eu os dei inicialmente, incluindo o mandamento do Sábado.

Nós encontramos a explicação da segunda característica identificadora em Apocalipse 19:10: “E eu lancei-me aos seus pés para o adorar; mas ele disse-me: Olha, não faças tal: sou teu conservo, e dos teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus: adora a Deus; porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia.”

“Porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia.” No entanto, o que é “o espírito de profecia”? Esta frase ocorre apenas uma vez na Bíblia, precisamente neste texto. O seu paralelo mais próximo encontra-se

em I Coríntios 12:8-10. Aí, Paulo refere-se ao Espírito Santo, que, entre outros carismas, concede o dom de profecia; e a pessoa que recebe esse dom é chamada “profeta” (I Cor. 12:28; Efé. 4:11). Tal como aqueles que têm o dom de profecia, em I Coríntios 12:10, são chamados profetas no versículo 28, também aqueles que têm o Espírito de profecia, em Apocalipse 19:10, são chamados profetas nos versículos 8 e 9 do capítulo 22 de Apocalipse.

Encontramos a mesma situação em ambas as passagens. João cai aos pés do anjo para o adorar. As palavras da resposta do anjo são quase idênticas, no entanto a diferença é significativa. Em Apocalipse 19:10, os “irmãos” são identificados pela frase “que têm o testemunho de Jesus”. Em Apocalipse 22:9, os “irmãos” são simplesmente chamados “profetas”. Se o princípio Protestante de se interpretar a Escritura pela Escritura significa alguma coisa, então esta comparação deve levar à conclusão de que “o espírito de profecia”, em Apocalipse 19:10, é possuído não por todos os membros da Igreja, mas apenas por aqueles que foram chamados por Deus para serem profetas.

Outros teólogos têm compreendido isto tal como nós. O acadêmico Luterano Hermann Strathmann, por exemplo, escreve: “Segundo o paralelo 22:9, os irmãos que são referidos não são os crentes em geral, mas os profetas. Também aqui eles são caracterizados como tal. Esta é a razão de ser do versículo 10c. Se eles têm a *marturia Iêsou*, eles têm o espírito de profecia, isto é, eles são profetas, como o anjo,

que simplesmente permanece no serviço da *marturia Iêsou*.”<sup>5</sup>

Do mesmo modo, James Moffat explica: “‘Pois o testemunho de Jesus é o espírito de profecia.’ Este comentário marginal em prosa define especificamente os irmãos que têm o testemunho de Jesus como possuidores da inspiração profética. O testemunho de Jesus é, na prática, equivalente à ação de Jesus testemunhar.”<sup>6</sup>

### O testemunho dos *Targumim*

Os leitores judeus do tempo de João sabiam o que significava a expressão “espírito de profecia”. Eles teriam compreendido esta expressão como sendo uma referência ao Espírito Santo, que comunica o espírito profético ao homem. O Judaísmo Rabínico estabelecia uma equivalência entre as expressões vetero-testamentárias *Espírito Santo*, *Espírito de Deus* ou *Espírito de Yahweh* e a expressão *Espírito de Profecia*. Tal é evidente na frequente ocorrência deste termo nos *Targumim* (antigas traduções escritas do Antigo Testamento em aramaico). Vejamos dois exemplos.

Em Gênesis 41:38, o texto hebreu do Antigo Testamento diz: “E disse Faraó aos seus servos: Acharíamos um varão como este, em quem haja o espírito de Deus?” O texto aramaico do *Targum* diz: “E Faraó disse aos seus servos, ‘Poderemos encontrar um homem como este, em quem está o Espírito de Profecia vindo do Senhor?’”

Em Números 27:18, o texto hebreu do Antigo Testamento diz: “Então disse o Senhor a Moisés: Toma para ti a Josué, filho de Nun, homem em quem

há o espírito.” O texto aramaico do *Targum* diz: “E o Senhor disse a Moisés: ‘Toma para ti Josué, filho de Nun, um homem em quem habita o Espírito de profecia vindo do Senhor.’”<sup>7</sup>

Comentando esta expressão nos *Targumim*, J. P. Schäfer diz: “Um exame dos versículos onde o *Targum Onkelos* usa o termo ‘Espírito de profecia’ mostra que, em quase todos os casos, há uma relação direta com a profecia no contexto bíblico. A tradução ‘Espírito de profecia’, embora não seja literal no sentido mais estrito, é quase sempre estipulada através do Texto Massorético (Gén. 41:38 – José tinha o ‘Espírito de profecia’, porque ele fora capaz de interpretar o sonho de Faraó; Núm. 11:25 – O Espí-

**A SALVAÇÃO NÃO É  
GARANTIDA ATRAVÉS DA  
PERTENÇA A QUALQUER  
IGREJA. SOMOS SALVOS  
COMO INDIVÍDUOS,  
NÃO COLETIVAMENTE  
COMO IGREJA.  
MAS SER PARTE DA IGREJA  
REMANESCENTE DE DEUS  
SIGNIFICA QUE TEMOS  
ACESSO ÀS MENSAGENS  
ESPECIAIS DE DEUS  
COMUNICADAS ATRAVÉS  
DE ELLEN G. WHITE  
E QUE PARTICIPAMOS  
NA PROCLAMAÇÃO AO  
MUNDO DA MENSAGEM  
DE DEUS PARA O TEMPO  
DO FIM – A MENSAGEM  
DOS TRÊS ANJOS.**

"... E FOI FAZER GUERRA AO REMANESCENTE DA SUA SEMENTE, OS QUE GUARDAM OS MANDAMENTOS DE DEUS, E TÊM O TESTEMUNHO DE JESUS CRISTO."  
APOCALIPSE 12:17.



rito que repousou sobre os 70 anciãos, segundo o Texto Massorético, fê-los ‘profetizar’; Núm. 24:2 – Balaão profetizou acerca de Israel). Por outras palavras, o termo ‘Espírito de profecia’ descreve uma situação claramente delineada, isto é, o Espírito Santo enviado por Deus que comunica o dom profético ao homem.”<sup>8</sup>

F. F. Bruce, o estudioso inglês do Novo Testamento, chega à mesma conclusão: “A expressão ‘o Espírito de profecia’ é corrente no Judaísmo pós-bíblico: ela é usada, por exemplo, numa circumlocução para designar o Espírito de *Yahweh* que vem sobre este ou aquele profeta. Assim, o *Targum de Jônatas* traduz as palavras iniciais de Isaías 61:1 da seguinte forma: ‘O Espírito de profecia vindo do Senhor está sobre mim.’ O pensamento expresso em Apocalipse 19:10 não é diferente daquele já citado em I Pedro 1:11, onde é dito que o ‘Espírito de Cristo’ levou ao testemunho dos profetas do Antigo Testamento. Também ali, Jesus é o tema do testemunho trazido pelo Espírito profético; os profe-

tas não sabiam Quem seria a Pessoa ou qual seria o tempo da Sua manifestação, mas finalmente o segredo fora revelado: a pessoa é Jesus; o tempo é este mesmo. No entanto, em Apocalipse 19:10 é através de profetas cristãos que o Espírito de profecia testemunha. Aquilo que os profetas dos dias anteriores ao Cristianismo predisseram é proclamado como um facto realizado pelos profetas da nova época, entre os quais João ocupa um lugar de destaque.”<sup>9</sup>

#### Sumário de Apocalipse 12:17

Regressando agora a Apocalipse 12:17, podemos dizer que “o resto da sua semente... guarda os mandamentos de Deus e tem o testemunho de Jesus Cristo”, que é o Espírito de profecia ou o dom profético. Esta interpretação é fortalecida por um estudo do verbo grego *echo*, que significa “ter”. Esta palavra indica posse. O remanescente tem um dom de Deus – o dom profético. Se o testemunho de Jesus fosse o nosso testemunho acerca de Jesus, João teria escrito algo como isto: “Eles guardam os mandamentos

de Jesus e testemunham sobre Jesus.” Mas a palavra grega *echo* nunca é usada no sentido de “dar testemunho”.<sup>10</sup>

Em resumo, podemos dizer que a Igreja Remanescente visível, que, segundo a profecia, existe após o período de 1260 dias (isto é, após 1798), tem duas marcas identificadoras específicas: (a) Os seus membros guardam os mandamentos de Deus, incluindo o mandamento do Sábado tal como Deus o deu; (b) Os seus membros têm no seu meio o testemunho de Jesus, que é o Espírito de profecia ou o dom profético.

#### A Igreja Adventista do Sétimo Dia

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, desde a sua origem, em 1863, sempre reclamou para si a posse destes sinais identificativos. Enquanto Adventistas, proclamamos os Dez Mandamentos, incluindo o mandamento do Sábado; e cremos que, enquanto Igreja, temos o testemunho de Jesus, isto é, que Deus Se manifestou na vida e na obra de Ellen. G. White. Assim, a

Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma Igreja profeticamente prevista; não é apenas uma Igreja entre muitas outras. Deus chamou esta Igreja à existência para um propósito muito específico: proclamar as mensagens dos três anjos.

Os nossos pioneiros tinham a certeza de que a Igreja Adventista do Sétimo Dia era a Igreja Remanescente de Apocalipse 12:17. G. I. Butler, Presidente da Conferência Geral de 1871 a 1888, escreveu num artigo intitulado *Visões e Sonhos*: “Não há então um povo em quem estas condições se combinem nestes últimos dias? Nós cremos que elas realmente se combinam nos Adventistas do Sétimo Dia. Eles têm pretendido ser, por toda a parte, a Igreja ‘remanescente’ durante os últimos 25 anos. ... Guardam eles os mandamentos de Deus? Qualquer pessoa que saiba algo sobre este povo pode responder que esta é a parte mais importante da sua fé. ... No que toca ao Espírito de profecia, é um facto extraordinário que, desde o início da sua existência, os Adventistas do Sétimo Dia têm reclamado que ele tem estado em exercício ativo entre eles.”<sup>11</sup>

E nós ainda acreditamos que a Igreja Adventista do Sétimo Dia existe como a Igreja Remanescente visível e que o Espírito de profecia se tornou numa

das suas marcas identificadoras: “Um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Este dom é uma marca identificadora da Igreja Remanescente e manifestou-se no ministério de Ellen G. White – a mensageira do Senhor. Os seus escritos são uma contínua e autorizada fonte de verdade que provê à Igreja conforto, orientação e correção. Eles também tornam claro que a Bíblia é o padrão pelo qual todos os ensinamentos e toda a experiência deve ser testada.”<sup>12</sup>

Enquanto Adventistas do Sétimo Dia, somos membros da Igreja Remanescente de Deus. No entanto, esta identificação com a Igreja Remanescente não nos concede um estatuto exclusivo junto de Deus. A salvação não é garantida através da pertença a qualquer Igreja. Somos salvos como indivíduos, não coletivamente como Igreja. Mas ser parte da Igreja Remanescente de Deus significa que temos acesso às mensagens especiais de Deus comunicadas através de Ellen G. White e que participamos na proclamação ao mundo da mensagem de Deus para o tempo do fim – a mensagem dos três anjos.✍

**Gerhard Pfandl**  
Teólogo

Publicado originalmente na revista  
*Ministry* de outubro de 2016.

1. M. E. Osterhaven, “Testimony”, *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1975), 5:682; veja também Petros Vassiliades, “The Translation of *Marturia Iêsou* in Revelation”, *Bible Translator* 36 (1985): 129-134.
2. Ray F. Robbins, *The Revelation of Jesus Christ* (Nashville, TN: Broadman Press, 1975), 154.
3. James Moffat, “The Revelation of St. John the Divine”, *The Expositor’s Greek Testament*, ed. W. R. Nicoll (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1956), 5:465.
4. Veja G. Pfandl, “The Remnant Church and the Spirit of Prophecy”, *Symposium on Revelation II*, Daniel & Revelation Committee Series, ed. Frank B. Hollbrook (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), 7:305 e 306.
5. Hermann Strathmann, “Martyrs”, *Theological Dictionary of the New Testament*, trad. G. W. Bromiley, vol. 4 (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1971), 501.
6. Moffat, “The Revelation of St. John the Divine”, 465.
7. John W. Etheridge, *The Targums of Onkelos and Jonathan Ben Uzziel on the Pentateuch* (London, 1862), 1:131, 556; 2:442. Outras ocorrências são Gênesis 45:27; Êxodo 35:21, 31; Números 11:17, 25 e 26, 28 e 29; 24:2; Juízes 3:10; I Samuel 10:6; 19:10, 23; II Samuel 23:2; I Reis 22:24; II Crônicas 15:1; 18:22 e 23; 20:14; Salmo 51:13; Isaías 11:2. Veja Strack-Billerbeck, *Kommentar zum Neuen Testament* (München, 1965), 2:129.
8. J. P. Schäfer, “Die Termini ‘Heiliger Geist’ und ‘Geist der Prophetie’ in den Targumim und das Verhältnis des Targumim Zueinander”, *Vetus Testamentum* 20 (1970): 310 (minha tradução).
9. F. F. Bruce, *The Time Is Fulfilled* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1978), 105 e 106.
10. Pfandl, “The Remnant Church”, 312 e 313.
11. G. I. Butler, “Visions and Prophecy”, *Review and Herald*, June 2, 1874, 193.
12. *Seventh-day Adventists Believe* (Silver Spring, MD: Ministerial Association, General Conference do Seventh-day Adventists, 2005, 247.





# Ver a *Sua face*

## O amor de Cristo demonstrado numa situação incomum

“**S**enhor, almejo ver a Tua face, sentir o amor que tens por mim. Por favor, permite-me ver-Te.”  
Como responderia Jesus à minha oração?

Uma nota urgente avisou-me de que, no espaço de 24 horas, Corky seria transferida para o meu distrito. Ela necessitava de cuidados de saúde intensivos ao domicílio. Na breve descrição sobre ela destacavam-se as palavras “indócil”, “mal-humorada”, “desajustada”, “incontrolável” e “em estado terminal”.

A nova morada de Corky era um parque de caravanas localizado na encosta de uma colina, sob vegetação exuberante e com vista para o Oceano Pacífico. Quando bati à porta da caravana, Mike veio atender. Fiquei surpreendida, pois as informações que tinha recebido não mencionavam um morador do sexo masculino.

– Esta é a casa de Corky?  
– É, disse ele. Você é a enfermeira?

Ele abriu a porta e convidou-me a entrar. A sala estava vazia. A tapete castanho estava coberto por uma camada de pó branco. Então disse:

– Desculpe esta confusão com o gesso. Tive de preparar este lugar para ela se mudar. Trabalhei a noite toda. Ela vai chegar amanhã.

Peguei na minha caneta, para começar a preencher a papelada. Mike continuou a falar.

– Acho que ela vai gostar disto. Ela nunca morou no campo, mas disse-me que sempre morar junto ao mar. Vou disponibilizar-lhe este quarto com janela para poder apreciar a vista.

Ele respondeu a algumas perguntas minhas e continuou a falar sobre Corky.

– Acho que ela não vai viver muito mais tempo. É muito difícil; não fez o tratamento necessário. Agora sente muitas dores e acho que tem uma infecção. A senhora vai ajudar-me?

Foram feitas todas as diligências para que Corky pudesse receber assistência de enfermagem ao domicílio. Viriam profissionais preparados para fazerem algumas das tarefas de casa e auxiliariam nos cuidados a prestar a Corky.

– Voltarei amanhã de manhã, bem cedo, para conferir se está tudo em ordem – disse eu. – Quando Corky estiver aqui, vamos ajustar a sua medicação

contra a dor e determinar quais são os cuidados de enfermagem de que ela necessita.

### Um caso difícil

Quando voltei ao consultório, revi o historial médico de Corky. Tinha-lhe sido diagnosticado cancro de mama e foi programado um tratamento. Mas, como não se sentia bem com a terapia, ela “despedia” um médico a seguir a outro sempre que os efeitos colaterais causavam desconforto. Vários médicos tinham tratado dela, mostrando bastante tolerância, apesar da linguagem de baixo calão que ela usava e da sua falta de cooperação. Finalmente, houve um médico que se dispôs a assumir a responsabilidade de a tratar, mas disponibilizou apenas um acompanhamento à distância, apoiando as suas decisões no relatório da enfermeira. Aparentemente, Corky também não gostava de enfermeiras.

Quando vim fazer a primeira visita de enfermagem, Corky estava com muito medo. Mike cumprimentou-me à porta. A preocupação e a falta de sono tinham aprofundado as linhas do seu rosto.

– Ela chegou tarde, ontem à noite, e quase não dormi – confidenciou. – O remédio contra a dor parece não estar a fazer efeito. Tenho que lutar com ela para levá-la a tomá-lo. Até prometi dar-lhe gelado, se ela colaborasse.

Mike conduziu-me ao quarto. Ao entrar, o cheiro de decomposição provocou-me um reflexo de vômito. Mike parecia estar preocupado de mais para perceber o cheiro. Ele disse gentilmente:

– Acorda, Corky. A enfermeira está aqui para te ver.

Ele puxou as cobertas. Vagorosamente surgiu uma cabeça desgrenhada, seguida de um corpo enorme, totalmente nu. Eu tinha imaginado que Corky fosse magra.

Comecei a fazer perguntas. As suas respostas eram ininteligíveis. O seu braço direito estava inchado e distendido. No lado direito do seu tronco, no peito e nas costas, a pele estava inchada e dura. Perguntei a Mike:

– Onde está o ferimento que precisa de curativo?


Ele respondeu, apontando para o braço direito de Corky.

– Ali, debaixo do braço dela.

A zona do braço estava tão inchada que Corky não o conseguia erguer. Quando tentei ajudá-la, ela gritou alguns palavrões e dobrou-se de dor. Finalmente, Mike convenceu-a a cooperar. De um buraco profundo, escuro, do tamanho de um melão, escorria um líquido purulento e com







odor desagradável. Mike parecia calmo e despreocupado, certo de que iríamos encontrar uma forma de melhorar a situação.

Quando terminei de irrigar a ferida e de a fechar com gaze, voltei para o consultório cansada e apreensiva. Aquele tratamento teria de ser repetido duas a três vezes por dia. “Ela realmente precisava de estar numa instituição com cuidados de enfermagem qualificados”, pensei.

– Nem pensar! – disse Mike quando o abordei com a ideia. – Eu vou cuidar dela aqui – disse ele.

### Fiel até ao fim

As visitas de enfermagem foram agendadas para duas sessões por dia. Os cuidados prestados incluíam banho no leito e pequenas tarefas domésticas. Mike estava ali 24 horas, sete dias por semana, dando-lhe o medicamento contra a dor, confortando-a com carinho, e insistindo para que ela comesse e bebesse alguma coisa. Muitas vezes a promessa de um pouco de gelado convencia-a a colaborar. Embora ele fizesse sempre comentários acerca daquela relação especial, a única recompensa que Mike recebia frequentemente pela sua ternura eram palavras. Mesmo assim, ele recusava-se a colocar Corky numa instituição. Dizia:

– Eles não vão conseguir controlá-la. A primeira notícia que receberíamos era de que ela tinha “despedido” toda a gente e tinha causado tantos problemas que acabara posta na rua outra vez. Mas eu compreendo-a. Posso tomar conta dela.

Assim, Corky permaneceu na caravana com Mike. Todos

os que estavam envolvidos na prestação de cuidados faziam o possível para ajudar. Mas Mike carregava sozinho a maior parte da carga. Quando eu ficava com Corky, verificava que dez minutos era o máximo de tempo que ela conseguia descansar antes de chamar por Mike. Após uma ou duas horas, eu já estava exausta. Mas Mike seguia esta rotina dia e noite...

Eu já presenciei a morte muitas vezes, e reconheço quando ela se aproxima. Um dia, Mike perguntou-me:

– Quando é que você acha que a morte vai chegar?

Gentilmente, descrevi-lhe o cenário habitual do processo da morte.

– Dentro de um ou dois dias, você vai perceber longas pausas entre a inspiração e a expiração, e a respiração tornar-se-á um pouco ofegante. Depois, simplesmente, ela vai parar de respirar. Ela não vai sentir qualquer dor.

Conversámos um pouco antes de eu levar a minha bolsa de enfermagem para o carro. Assim que saí do parque de estacionamento, Mike saiu a correr pela porta e gritou:

– Ela está a fazer o que você disse!

Ofegante, Corky inspirou pela última vez. Olhei para o

seu corpo imóvel, finalmente em paz. O seu suplício tinha terminado. Olhei para Mike. Ele observava-a em silêncio, com lágrimas a rolar pelo rosto. O seu sofrimento emocionou-me mais profundamente do que a morte de Corky. Sufocando a minha vontade de chorar, eu murmurei as minhas condolências e terminei a dizer que ele tinha feito mais do que a maioria dos maridos faria em tais circunstâncias, e que ela nunca tinha duvidado do seu amor.

– Marido? – respondeu Mike, lançando-me um olhar penetrante. – Eu não sou marido dela. Mal a conhecia!

Vendo o meu olhar assustado, ele prosseguiu:

– Ela era uma sem-abrigo. Foi na rua que eu a conheci. Não tinha ninguém para cuidar dela. Eu sabia que ela estava prestes a morrer. Por isso, comprei este lugar para que ela tivesse onde ficar. Se eu não tivesse cuidado dela, quem cuidaria? Ela não tinha ninguém.

Mike estava ali, de pé, e no seu rosto eu vi o rosto de Jesus. ✨

**Diane Dyer**

Enfermeira

Publicado originalmente na *Adventist World* de julho de 2015.



# “Não foi um feito nosso”

## As origens da Igreja Remanescente testemunham da direção de Deus

O lançamento do movimento profético Adventista em 1844 não resultou de qualquer previsão ou estratégia humanos. Não foi o caso de que um conjunto de homens se tivesse reunido e tivesse decidido que era tempo de começar um movimento que cumprisse a profecia. O grupo de crentes Adventistas nas montanhas do Estado de New Hampshire, que, em 1844, começou a guardar os mandamentos de Deus, não tinha a mais remota ideia de que estava a formar o núcleo de um povo e de um movimento distinto que se constituiriam no futuro. Eles tinham encontrado a luz da verdade do Sábado e caminhavam sob essa luz para salvarem as suas almas, esperando, em breve, ver o Senhor vir em glória.

O grupo de crentes na parte ocidental do Estado de Nova Iorque, que, depois do desapontamento de 22 de outubro de 1844, fora levado a estudar a verdade sobre a purificação do santuário, não tinha qualquer noção de que estava a contribuir com um fator-chave para a criação de um novo movimento que cumpriria a profecia. Estes crentes, juntamente com outros, tinham esperado a vinda do Senhor no final do longo período profético dos 2300 anos. A profecia tinha declarado: “Então o santuário será purifica-

do.” Todos tinham suposto que isto significava a vinda de Cristo para purificar a Igreja e a Terra. Mas veio o desapontamento. Foi então que o grupo de crentes em Nova Iorque foi conduzido para a descoberta da verdade sobre a purificação do santuário, e soube, pela palavra segura da profecia, que, quando a hora do período profético chegou, em 1844, a hora do juízo de Deus tinha, de facto, chegado. No entanto, tal não era a aparição de Cristo na Terra, mas a Sua aparição perante o Ancião de Dias no santuário celeste, naquela cena descrita por Daniel, o profeta: “Assentou-se o juízo e abriram-se os livros” (Dan. 7:10). Foi uma grande descoberta de uma importante verdade, uma verdade tão simples que devemos interrogar-nos sobre a razão por que os estudantes das profecias não a tinham visto antes. Mas este grupo, ao qual chegou a verdade, não tinha qualquer ideia, nesse tempo, de que estava a contribuir a sua quota parte para a criação de um movimento profético.

O grupo dos crentes Adventistas dos Estados do Maine e de Massachusetts, entre o qual surgiu o dom do Espírito de Profecia naqueles dias de 1844 e 1845, ainda não tinha a luz sobre a verdade do Sábado e também não tinha a luz sobre a hora do juízo e sobre o significado da purificação do santuário. Eles tinham decidido que havia algum erro no cálculo do período de 2300 anos, e aguardavam o aparecimento de Cristo para muito breve, não tendo qualquer ideia sobre a criação de um movimento especial para preparar o caminho de Jesus. Então começaram a chegar-lhes

mensagens através do Espírito de Profecia. A primeira visão, dada em 1844, descreveu um amplo trabalho que ainda era necessário fazer – a reunião de muitos milhares de crentes, que deveriam ser preparados para a vinda do Senhor. Mesmo aqueles que aceitaram a experiência da jovem agente, através da qual o Espírito de Profecia falava, não tinham qualquer ideia sobre a criação de um outro movimento para levar a mensagem ao mundo. A ideia de que Cristo apareceria em breve estava tão firmemente estabelecida na sua mente que eles não compreenderam o que estava claramente revelado na primeira mensagem do Espírito de Profecia – que deveria ainda ser empreendida uma grande obra de conversão de almas.

Foi assim que os fatores pioneiros na criação do movimento do Advento não compreenderam, por si mesmos, aquilo a que estavam a dar início. Eles não se reuniram e disseram: “Chegou o tempo de começar o movimento profético; vamos lançá-lo!” Uma tal ideia não estava na mente de nenhum deles.

Mas o Senhor tinha declarado que, quando a hora da profecia chegasse em 1844, deveria aparecer um povo que guardasse os mandamentos de Deus, dando destaque ao Sábado do Senhor, e alertando contra a marca da grande apostasia. O dom do Espírito de Profecia apareceria nesta Igreja “Remanescente” guardadora dos mandamentos. Graças a um movimento mundial, deveria ser levada uma mensagem de reforma aos homens com a proclamação: “É vinda a hora do Seu juízo.”

À medida que se aproximava a hora, os vários fatores pioneiros foram conduzidos para a luz sobre as características distintivas da mensagem da profecia; e à medida que estes vários grupos se uniam em conselho e estudo, cada um contribuindo com a sua parte da verdade, eles vieram a compreender que havia uma mensagem, um grande sistema de verdades, o Evangelho eterno de Apocalipse 14:6-14, que eles deveriam levar aos homens. Eles viram que tinha chegado o tempo, o tempo da profecia. A mensagem tinha sido colocada nas suas mãos. Prevendo difusamente o pleno alcance da obra, eles, ainda assim, viram que estas verdades deveriam tornar pronto um povo preparado para o Senhor e decidiram realizar a comissão que o próprio Deus, pela Sua própria providência, tinha colocado sobre eles.

O movimento do Advento não surgiu como resultado da supervisão e do planeamento de homens. O Senhor preparou os agentes humanos e conduziu-os até à luz, à medida que chegou o tempo, de um modo que impede que se faça qualquer sugestão de que um grupo de homens se reuniu por volta de 1844 e engendrou um programa para cumprir aquela profecia de Apocalipse 14. O próprio Senhor, que predisse o surgimento do movimento do Advento pelos profetas, trouxe-o à existência quando chegou a hora da profecia. ❖

**William A. Spicer**

Antigo Presidente da Conferência Geral

Publicado originalmente na  
*Adventist World* em agosto de 2006.



**8 DE  
ABRIL  
DE 2017**

**PARTICIPE NA  
DISTRIBUIÇÃO  
DO LIVRO  
MISSIONÁRIO!**



ORIGINAL  
"HISTÓRIA  
DA REDENÇÃO",  
DE ELLEN WHITE

